

**Estudo tipológico e morfológico do povoado
de génese vernacular Valverdinho e proposta
de reconversão de edifícios com valor
patrimonial, cultural e ambiental
O coração de Valverdinho
(Versão final após defesa)**

Catarina Sardo Lopes da Mariana

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor Fernando Manuel Leitão Diniz

Dezembro de 2020

Dedicatória

Ao meu pai, à minha mãe e ao meu irmão, os pilares da minha vida.

Ao meu médico e amigo, Doutor José António Melo Gomes.

À minha avó Lucinda.

Agradecimentos

À minha família, em especial aos meus tios, por toda a ajuda incondicional e carinho nesta fase.

Aos meus amigos, por estarem sempre presentes.

À Carolina, seriam poucas as palavras para lhe agradecer todo o apoio e motivação.

Ao professor Doutor Fernando Diniz, pela competente orientação desta dissertação e pela motivação pessoal.

Resumo

Esta dissertação pretende dar a conhecer mais um exemplo de arquitetura vernacular em território nacional, a aldeia de Valverdinho, esquecida no tempo e na memória, contribuindo para a valorização da herança construída de forma anónima.

Inserido numa região afetada pelo despovoamento e pela desertificação ao longo das últimas décadas (na beira interior), o seu potencial tanto de valor natural como construído, merece ser preservado, recuperado e explorado, nas vertentes económicas, culturais e ambientais, podendo assim contribuir para o desenvolvimento da economia local, no combate à centralização do litoral e dos principais centros urbanos.

Assim, a aldeia é o objeto de estudo nesta dissertação, no sentido de compreender e analisar, num contexto teórico e prático, os elementos arquitetónicos deste conjunto edificado.

A partir de um levantamento fotográfico e topográfico, de uma análise *in situ*, e a partir de registos históricos e documentais, é elaborado uma análise morfológica do lugar e uma análise tipológica dos edifícios integrantes, compreendendo a sua génese, forma e função.

Propõe-se também uma proposta com soluções adequadas para a sua revitalização e que preserve a memória do património construído.

Palavras-chave

Valverdinho; Vernacular; Rural; Aldeia; Reconversão

Abstract

This dissertation intends to make known another example of vernacular architecture in national territory, the village of Valverdinho, forgotten in time and memory, contributing to the valorization of the anonymously built heritage.

Located in a region affected by depopulation and desertification over the last decades (in the interior), its potential of both natural and built value, deserves to be preserved, recovered and exploited, in the economic, cultural and environmental aspects, to being able to contribute to the development of the local economy, in the fight against centralization of the coast and of the main urban centers.

Therefore, the village is the object of study in this dissertation, in the sense of understanding and analyzing, in a theoretical and practical context, the architectural elements of this built set. From a photographic and topographic survey, from an *in situ* analysis, and from historical and documentary records, a morphological analysis of the place and a typological analysis of the integrating buildings are elaborated, including their genesis, form and function. It is also proposed a plan with appropriate solutions for its revitalization and that preserves the memory of the built heritage.

Keywords

Valverdinho; Vernacular; Rural; Village; Reconversion

Índice

Dedicatória	iii
Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	ix
Índice	xi
Lista de Figuras	xv
Lista de Tabelas	xvii
Lista de Acrónimos	xviii
Capítulo 1 Metodologia	21
Introdução	21
Organização da dissertação	21
Capítulo 2 Parte teórica	25
Localização	25
Contextualização	27
A Arquitetura Vernacular	27
A Arquitetura Vernacular - O contexto português	31
A Arquitetura Vernacular em Valverdinho	35
A Arquitetura Vernacular em Valverdinho - A relação da Igreja	37
O privilégio - A ordem de Cristo e as Tábuas Vermelhas	39
Paisagem e Território	41
Topografia	41
Os ribeiros	42
Clima	43
Flora	44
Fauna	45
Fatores Humanos	47
Vivências	47
Capítulo 3 Teórico-Prática	53
Crescimento, evolução e condicionantes	53
Linhas de água e campos de cultivo	63
[88]	65
O Ovil ou Casão	67
[87]	68
O Barracão	69
[73]	70
A adega ou Tulha	71
[32]	73
Estábulo ou Celeiro com Mina de Água	73

[24]	74
Escola	75
[23]	77
Igreja de Espírito Santo	77
[49]	78
Casa do Feitor	79
[53]	80
Casa do Forno	81
[50]	83
A Cozinha ou Queijaria	83
[89]	83
Casa Senhorial	85
[1-7] [9-31] [33-48] [50] [54-64] [67] [69] [71] [72] [75-83] [85]	86
Habitações	87
[8] [12] [51] [52] [61] [65] [70] [66] [74] [84]	89
Currais	89
[]	90
Fontes	90
 Capítulo 4 Parte Prática	 91
Inserção urbana e paisagística da edificação	91
Enquadramento da pretensão nos planos municipais e especiais de ordenamento do território vigentes	91
Reconversão da Aldeia de Valverdinho	92
 Vazios urbanos em Valverdinho	 95
Vias Espaços verdes Espaços públicos Praças	95
Acessos rodoviários	95
Estacionamento	95
Percurso pedonais e passeios	95
Ciclovias	95
A praça e os espaços verdes	95
 Construídos urbanos em Valverdinho	 97
Habitações Alojamento Espaços de Comércio e Serviços Espaços culturais	97
Habitações unifamiliares	97
Albergue	98
Alojamento rural	98
Espaços de comércio, serviços	98
Posto de Turismo	99
Mercado e Adega	99
Celeiro Agrícola	99
Posto Médico	100
Comércio	100
Instalações sanitárias públicas	100
Centro de Interpretação	100
Igreja	101
A Barragem	101
 Capítulo 5 Conclusão	 103
 Bibliografia	 105
 Webgrafia	 107

Anexo I	109
Registro fotográfico existente	109

Lista de Figuras

Figura 1 Localização de Valverdinho em Portugal, sem escala (Fonte: própria autoria)	25
Figura 2 Localização de Valverdinho no concelho de Sabugal, sem escala (Fonte: própria autoria)	26
Figura 3 Manutenção comunitária de uma construção vernácula (Fonte: https://issuu.com/dida-unifi/docs/versus_fup_google/64)	27
Figura 4 Arranjo de um muro de vedação, Teixoso (Fonte: http://www.oapix.org.pt/100000/1/1588,01,3/index.htm)	28
Figura 5 Aldeia de Bigorne, Lamego (Fonte: http://www.oapix.org.pt/100000/1/1003,01,15/index.htm)	28
Figura 6 Construção de uma varanda, Fundão (Fonte: http://www.oapix.org.pt/100000/1/1699,01,3/index.htm)	28
Figura 7 – A proporção humana na arquitetura (Fonte: http://www.oapix.org.pt/100000/1/4215,01,15/index.htm)	29
Figura 8 A fogueira como elemento essencial da casa	29
Figura 9 – Capa de “O problema da casa portuguesa” - de Fernando Távora (Fonte: https://www.pinterest.pt/pin/351632683390763573/)	31
Figura 10 – Capa do livro do IAPP (AA. VV. 1980) (Fonte: https://www.livrariaferreira.pt/wp-content/uploads/2020/02/14890.jpg)	32
Figura 11 - Localização da aldeia de Valverdinho no mapa de tipologias da região beirã (fonte: IAPP, AA. VV., 1980 p.247)	33
Figura 12 Procissão no domingo de Páscoa em Valverdinho (Fonte: fotografia fornecida pelo atual proprietário)	39
Figura 13 Foral do privilégio das Tábuas Vermelhas em Valverdinho	40
Figura 14 Os limites da propriedade da Quinta de Valverdinho, sem escala (Fonte: própria autoria)	41
Figura 15 Os campos de cultivo de Valverdinho	42
Figura 16 Os afloramentos rochosos de granito	42
Figura 17 Ribeiro das Amoreira (Fonte: própria autoria)	43
Figura 18 A barragem (Fonte: própria autoria)	43
Figura 19 Esquema do núcleo original da aldeia de Valverdinho e percursos (sem escala)	53
Figura 20 Esquema de crescimento da aldeia de Valverdinho (sem escala) (Fonte: própria autoria)	54
Figura 21 Crescimento da aldeia: linhas orientadoras da disposição dos edifícios (sem escala) (Fonte: própria autoria)	55
Figura 22 Esquema de crescimento da aldeia temporalmente (sem escala) (Fonte: própria autoria)	56
Figura 23 Limites da propriedade onde se localiza a aldeia de Valverdinho (sem escala) (Fonte: documento fornecido da AFLOBE1) – (Ver à escala 1:12 500, no anexo III, Planta topográfica da Quinta de Valverdinho)	57
Figura 24 - Distância do Pontão (entrada) à aldeia de Valverdinho e da aldeia à barragem (sem escala)	58
Figura 25 Esquema geral de agrupamentos dos edifícios da aldeia (sem escala)	59
Figura 26 Esquema geral de espaços por funções (cheios e vazios) (sem escala)	60
Figura 27 Esquema geral de tipologias da aldeia de Valverdinho (sem escala)	61
Figura 28 Vias principais de secundárias da aldeia (Fonte: própria autoria)	62
Figura 29 Acessos da aldeia (Fonte: própria autoria)	63
Figura 30 Esquema da rede hidrográfica da Aldeia de Valverdinho (Fonte: própria autoria)	65
Figura 31 O Ovil ou "Casão", vista frontal (Fonte: própria autoria)	67
Figura 32 Vista do Barracão (Fonte: própria autoria)	69
Figura 33 Vista frontal da Adega ou "Tulha" (Fonte: própria autoria)	71
Figura 34 Celeiro com a Mina de Água (Fonte: própria autoria)	73
Figura 35 Vista da Escola (Fonte: própria autoria)	75
Figura 36 Vista de frente da Igreja de Espírito Santo (Fonte: própria autoria)	77
Figura 37 Vista frontal da Casa do Feitor (Fonte: própria autoria)	79
Figura 38 Aspeto exterior da casa do Forno (Fonte: própria autoria)	81
Figura 39 A cozinha ou "Queijaria"	83
Figura 40 Vista da Casa Senhorial (Fonte: própria autoria)	85
Figura 41 Vista da habitação (20) (Fonte: própria autoria)	87

Figura 42 Vista de Habitação (33) (Fonte: própria autoria)	87
Figura 43 Esquemas da definição do programa e das vias (Fonte: própria autoria)	93

Lista de Tabelas

Tabela 1 Quadro dos ambientes térmicos invernais e estivais da região centro (fonte: Concelho do Sabugal modelo granítico, paisagem e património geomorfológico, Pinto P.FCT UC, 2013, p. 59)	43
Tabela 2 Quadro de temperaturas médias em Casteleiro (fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Casteleiro)	44
Tabela 3 Tabela comparativa dos habitantes da aldeia de Valverdinho, Quinta e Santo Amaro e Casteleiro entre 1768 e 1991 (Fonte: Cameira, 1992, p. 85)	49

Lista de Acrónimos

AFLOBEI	Associação Florestal da Beira Interior
CIAM	Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
IAPP	Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa
NUT	Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
UBI	Universidade da Beira Interior

Minha terra, quem me dera
Ser humilde lavrador;
Ter o pão de cada dia,
Ter a graça do Senhor;
Cavar-te por minhas mãos
Com caridade e amor.¹

¹ António Correia de Oliveira, **Maria Filomena M O N I C A**, “Deve-se ensinar o povo a ler? a questão do analfabetismo (1926-39)” in *Análise Social*, Vol. XIII, nº50. 1977, pp, 321-353. (Poema extraído de um livro de leitura de 1929) in *A vida no campo*, p.262

Capítulo 1 | Metodologia

O interesse pelo estudo de Valverdinho surgiu do fascínio pessoal pela arquitetura tradicional, em particular pela arquitetura vernacular, em viagens realizadas por território nacional.

Das aldeias de Xisto na Lousã às aldeias históricas de Trancoso e Marialva, de Castelo Novo a Alpedrinha, a própria localização da universidade permitiu a descoberta deste património rural. Como tal, o tema da dissertação fazia todo o sentido ser um exemplo deste tipo de arquitetura anónima, que demonstra o mais íntimo habitar do povo português.

Introdução

Sobre a história e desenvolvimento da Quinta de Valverdinho, o suporte de desenvolvimento do trabalho, para além das pesquisas de campo, foi consolidado com o contributo de trabalhos/ obras existentes sobre a aldeia.

Também, o acesso a registos documentais sobre a árvore genealógica da família senhorial e o testemunho e contributo de visitantes idóneos, contribuíram para a perceção das dinâmicas sociais e culturais deste lugar e para as perspetivas de futuro.

A nível prático, e sobre a recolha de informação em campo, efetuou-se um levantamento fotográfico, recolheram-se informações com os trabalhadores que ainda exploram parte da propriedade rural, em sistema de aluguer, desenharam-se esquissos e efetuaram-se medições para se compreender melhor o aglomerado e as suas estruturas.

Organização da dissertação

Este trabalho é composto por três fases estruturais para a elaboração da proposta.

A primeira parte, em componente teórica, contextualiza e relaciona a aldeia e a arquitetura vernacular e de que forma a origem e a história, influenciam a arquitetura nela construída.

A segunda parte, numa componente teórico-prática, analisa a evolução e as condicionantes que definem o espaço construído.

E finalmente, numa componente prática, a proposta de intervenção para a aldeia de Valverdinho, com soluções de revitalização para os edifícios com maior valor patrimonial e para a elaboração de um plano diretor, em conformidade com os planos e estratégias nacionais de desenvolvimento e de intervenção em espaços rurais, patrimoniais e ambientais.

VALVERDINHO. Lugar da freguesia de Sortelha, concelho de Sabugal. Foi sede de uma **freguesia há muito extinta, cujo orago era o Espírito Santo. (...) Apesar de pequena, a freguesia** resistiu às extinções dos primeiros tempos do liberalismo pertencendo sempre, ao concelho de Sortelha ainda na data da eliminação deste, a 4-X-1855. No entanto, já em 1872 estava anexa á de Sortelha por insuficiência populacional (AA. VV., 1936-60)

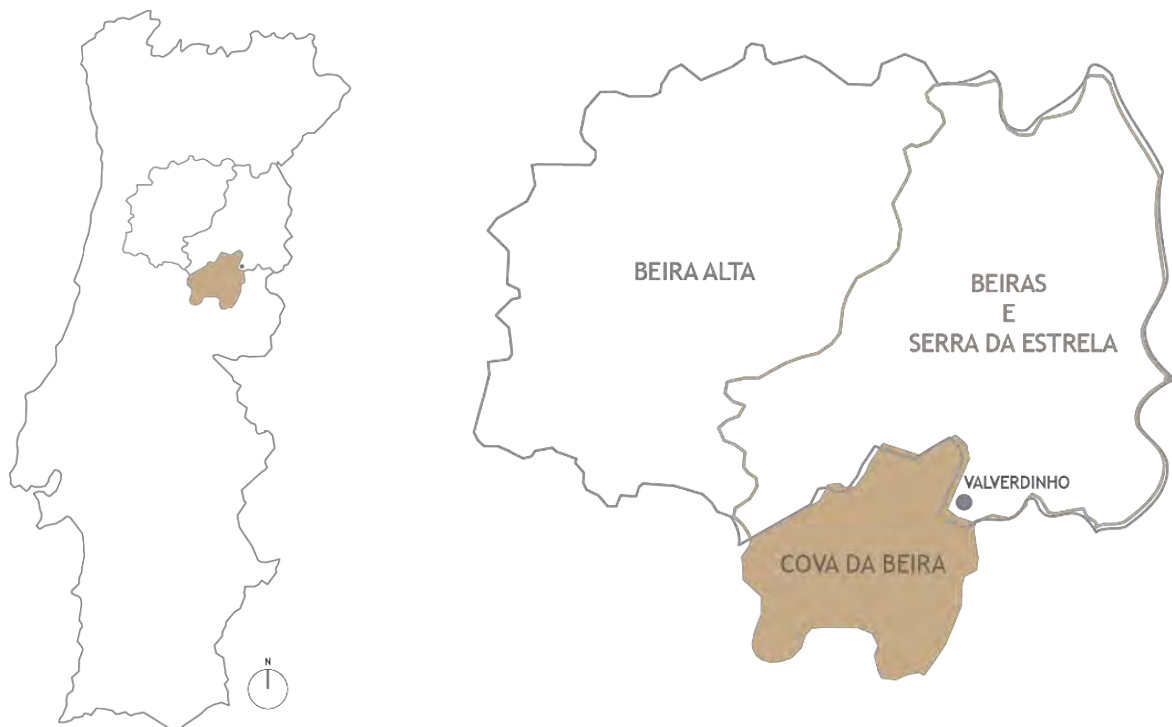
Capítulo 2 | Parte teórica

Localização

A aldeia de Valverdinho localiza-se no extremo sudoeste da freguesia de Casteleiro, concelho de Sabugal. Limitada a oeste pelo concelho de Belmonte, com a Quinta das Amoreiras (Caria) e a Quinta dos Termos (Monte do Bispo). A sul, por Escarigo (Fundão), Serra da Presa e pela Quinta do Anascer (Penamacor). A este e a nordeste, Valverdinho é limitada pela Quinta de Santo Amaro e por Casteleiro.

No contexto nacional, a aldeia pertence à região Centro ou Beiras², conforme as áreas administrativas reguladas pela União Europeia (NUTs II) e na sub-região Beiras e Serra da Estrela (NUTs III³), de onde se conjugam as regiões popularmente conhecidas da Beira Alta e Cova da Beira.

A aldeia encontra-se numa propriedade privada com cerca de 1.198 hectares, acessível pela estrada N18-3, a uma distância de 8,5km de Casteleiro, 6,6 km da Caria, 22,8 km da Covilhã e 29,8km de Sabugal.



.Figura 1 - Localização de Valverdinho em Portugal, sem escala (Fonte: própria autoria)

² Atualmente da região *Centro* ou *Beiras*, conforme as áreas administrativas NUTs II fazem parte as *regiões de Aveiro, Coimbra e Leiria* a oeste, *Viseu e Dão- Lafões, Beiras e Serra da Estrela e Beira Baixa* a este e ainda a zona *Oeste* e o *Médio Tejo*, mais a sul.

³ Áreas administrativas reguladas pela União Europeia NUTs - Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos utilizada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), (Lei 75/2013, de 12 de Setembro);

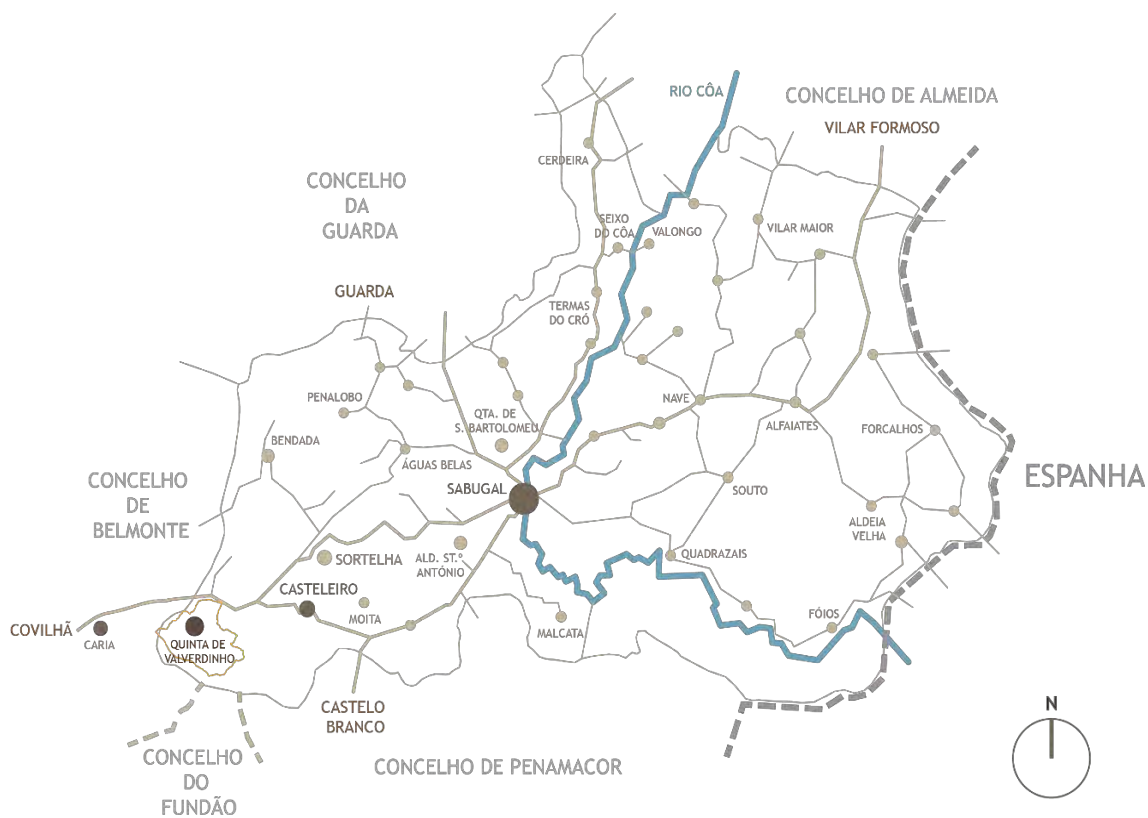


Figura 2 - Localização de Valverdinho no concelho de Sabugal, sem escala (Fonte: própria autoria)

Contextualização

Por definição, a arquitetura vernacular surge como resultado da adaptação do Homem ao seu meio envolvente, sendo a forma mais pura e original de construir num determinado território. Os primeiros estudos sobre este tipo de arquitetura surgiram como uma forma de recuperar a essência dos saberes populares na arte de construir, contra a mecanização e a modernização do habitar do início do século XX.

A Arquitetura Vernacular

Na história e na arquitetura, o estudo vernacular foi sempre prejudicado em favor das grandes obras e monumentos de autor, esquecendo que grande parte do património construído foi executado anonimamente.

“(...) Uma arte comunitária produzida não por alguns intelectuais ou especialistas, mas pela atividade espontânea e contínua de um povo inteiro, depositados numa herança comum e obedecendo às lições de uma experiência comum.” (Rudofsky B.)

Esta arquitetura assume diversas interpretações, tanto devido às aparentes semelhanças físicas entre esta e a arquitetura primitiva, como com a arquitetura tradicional mais erudita.

O próprio termo “vernacular” levanta alguma discussão, por vezes em favor do termo “popular”. Da sua terminologia⁴, **“vernacular” deriva do latim “vernaculus” que significa “escravo nascido em casa”, indígena, doméstico; próprio do país a que pertence, ou seja, nacional; em termos de linguagem, que conserva a pureza original, sem estrangeirismos, genuíno, puro; língua própria de um país ou região.**



Figura 3 Manutenção comunitária de uma construção vernacula (Fonte: https://issuu.com/dida-unifi/docs/versus_fup_google/64)

⁴ **Definição de Vernacular em “vernáculo”** in Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consulta. 2017-07-19 23:44:21]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/vernaculo> (www.Infopedia.pt, 2017)

De caráter leigo, funcional e intemporal, a arquitetura vernacular é composta pelo patrimônio mais rural e natural. Ligada à cultura das comunidades que a constroem, é uma arquitetura sentida e intrínseca nas vivências e no habitat dos seus habitantes.

Sem pretensões estéticas ou teóricas, na prática construtiva e na forma como se adapta ao meio, o vernacular envolve um sistema coletivo, industrial e organizado, de uma comunidade de média escala, como uma aldeia ou uma vila.

A sua construção é simples, clara e compreendida por todos os habitantes e as suas qualidades estéticas, embora com variações entre si, honram e seguem os padrões da comunidade, como uma imagem aceita e partilhada por todos.

Segue sempre a tendência de repetir e reproduzir uma forma construtiva que satisfaz as suas necessidades.



Figura 6 Construção de uma varanda, Fundão (Fonte: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1699,01,3/index.htm>)



Figura 5 Aldeia de Bigorne, Lamego (Fonte: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1003,01,15/index.htm>)



Figura 4 Arranjo de um muro de vedação, Teixoso (Fonte: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/1588,01,3/index.htm>)

Na forma de habitar, o resultado é um fenómeno cultural e evolutivo, que não resulta só da necessidade de abrigo/defesa, mas que traduz a identidade cultural da sua comunidade, da sua forma de ver o mundo, das suas relações sociais, das suas crenças, costumes, da sua economia, do seu modo de defesa, pelo seu caráter e pelo seu ethos.⁵

“Todas as formas de arquitetura vernácula são construídas para atender às necessidades específicas, acomodando os valores, as economias e os modos de vida das culturas que as produzem.”⁶

A falta de sistemas de medição na construção vernacular faz com que a construção tenha como base a proporção humana⁷, usando-a como referência, mesmo que pouco rigorosa.

⁵ Ethos é o conjunto de traços e modos de comportamento que conformam o caráter ou a identidade de uma coletividade. Em Sociologia, é uma espécie de síntese dos costumes de um povo (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos>)

⁶ Dwellings, Paul Oliver- p.14

⁷ Op Cit. – p.14



Figura 7 – A proporção humana na arquitetura
(Fonte:
<http://www.oapix.org.pt/100000/1/4215,01,15/index.htm>)



Figura 8 A fogueira como elemento essencial da casa
(Fonte:
<http://www.oapix.org.pt/100000/1/4214,01,15/index.htm>)

Ainda para uma melhor compreensão sobre a diferença entre a arquitetura tradicional ou a arquitetura vernacular, Robert Redfield⁸ categoriza o estudo da arquitetura tradicional em dois grandes grupos: o grande design de tradição, uma arquitetura mais erudita e estudada (a tradicional e a moderna), e a arquitetura folclórica (sem arquitetos) que se divide entre a arquitetura primitiva e a vernacular.

Ao contrário da arquitetura primitiva, sem processo evolutivo, a arquitetura vernacular tem uma qualidade aditiva, de natureza aberta, que permite diferentes expressões, mudanças, e permite também a coexistência com culturas mais desenvolvidas, sendo naturalmente influenciada por elas.

Temporalmente, distingue-se em dois momentos: o vernacular pré-industrial, até à revolução industrial do século XIX, e o vernacular moderno, do século XX aos dias de hoje.

⁸ House, Culture and Form, Rapoport A. Citando Redfield R. "Peasant Society and Culture p.68,69-71 - tradução livre

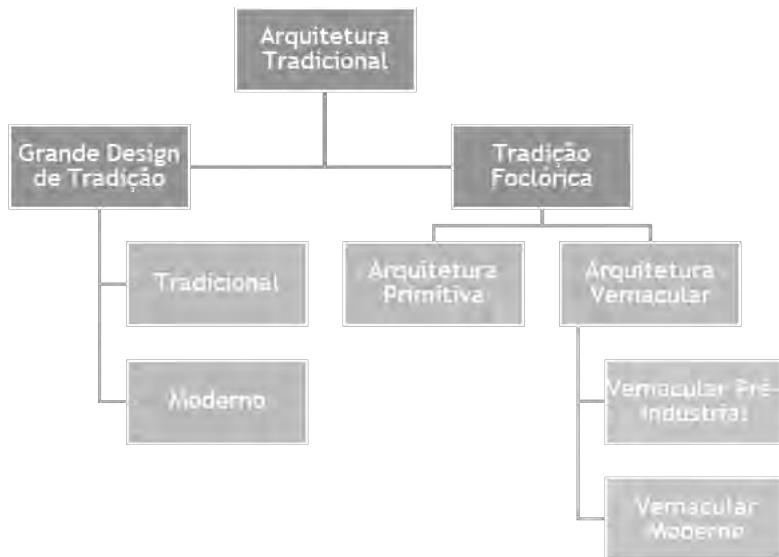


Diagrama 1- Divisão das formas de Arquitetura Tradicional de Robert Redfield (Fonte: House, Culture and Form, Rapoport A. Citando Redfield R. "Peasant Society and Culture p.68,69-71 - tradução livre)

A Arquitetura Vernacular - O contexto português

Enquanto no resto da Europa a arquitetura sofria grandes alterações nas novas formas de habitar, dos avanços tecnológicos e industriais ao cataclismo das grandes guerras, **surgiu “uma nova arquitetura para uma nova sociedade industrial (...) capaz de resolver os problemas tecnológicos, formais, higiénicos e sociais”**⁹, o movimento moderno, que visava uma rutura com o passado, afastando do debate arquitetónico a história e as culturas mais tradicionais.

A nível nacional, as situações políticas vividas no início do século XX com o fim da monarquia, a implantação da república, em 1910, e a instauração do regime ditatorial de Salazar, entre 1928 e 1974, permitiram o isolamento no processo de modernização em diversas áreas, especialmente na arquitetura.

O Estado Novo nos anos 30, **fomentava o movimento da “Casa Portuguesa”**¹⁰, de carácter conservador, valorizando a arquitetura tradicional portuguesa em relação às propostas modernistas que surgiam na Europa e no resto do mundo.

Raul Lino foi um dos arquitetos principais deste movimento, influenciado pelo movimento *Arts & Crafts*, que defendia o artesanato e o artesão em relação à mecanização e à produção em massa, provocada pela revolução industrial do século XIX.

O gosto pela natureza e pela arquitetura popular refletia-se na sua obra **“Casas Portuguesas”, onde criticava a estilização da modernidade e da onda “neo-rústica”**.

Foi aí que Fernando Távora, referência da arquitetura moderna e crítico deste **movimento “falsamente tradicional”**, publica em 1947 a sua obra **“O problema da Casa Portuguesa”, reforçando a importância da modernização contextualizada na arquitetura nacional e apelando a um estudo urgente sobre a arquitetura popular portuguesa.**

Em 1947, Francisco Keil do Amaral escreve o artigo “Uma iniciativa necessária” referindo a falta de “recolha e classificação sistemática de elementos peculiares à arquitetura portuguesa nas diferentes regiões do País com vista à publicação de um livro,

larga e criteriosamente documentado, onde os estudantes e as técnicas de construção pudessem vir a encontrar as bases para um regionalismo honesto, vivo e saudável”.¹¹

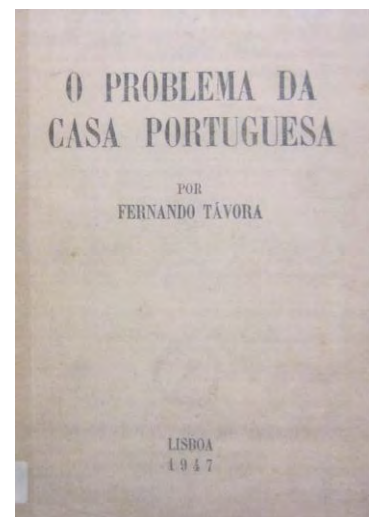


Figura 9 – Capa de “O problema da casa portuguesa” - de Fernando Távora (Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/351632683390763573/>)

⁹ Idem, p.2

¹⁰ Sobral, Luís Pedro Pires - “Arquitetura com algum pedigree” citando de QUINTINO, Luís Quintino – Raul Lino, 1879-1974 In TRIGUEIROS, Luiz; SAT, Claudio, ed. – Raul Lino, p. 11.

“É indispensável que na história das nossas casas antigas ou populares se determinem as condições que as criaram e desenvolveram, fossem elas condições da terra, fossem elas condições do Homem, e se estudem os modos como os materiais se empregaram e satisfizeram as necessidades do momento. A casa popular fornecer-nos-á grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções.”¹²

Criou-se assim o “**Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal**” em 1955 e publicado em 1961, por Keil do Amaral e Fernando Távora, que pretendia analisar, estudar e catalogar, os variados tipos e formas de arquitetura popular de norte a sul, entendendo as formas de povoamento, as suas técnicas, os espaços e a sua cultura regional, uma arquitetura aproximada à paisagem, ao lugar e às formas de vida, demonstrando a falta de um estilo *único* português.



Figura 10 – Capa do livro do IAPP (AA. VV. 1980) (Fonte: <https://www.livrariaferreira.pt/wp-content/uploads/2020/02/14890.jpg>)

A imagem que se apresenta de seguida reflete a análise resultante do trabalho de analisado por Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo e João José Malato, referente à zona da Beira interior norte (A zona 3 - Beiras) e que conclui a tipologia tradicional da zona em que a aldeia de Valverdinho está localizada.

¹¹ Sobral, Luís Pedro Pires - “Arquitetura com algum pedigree” citando Keil do Amaral citado por SAT, Cláudio, ed. – Telhados contemporâneos na arquitetura portuguesa, p. 17.

¹² Texto integral de: Fernando Távora – “O problema da casa portuguesa”. Cadernos de Arquitectura n.º1. Lisboa, 1947

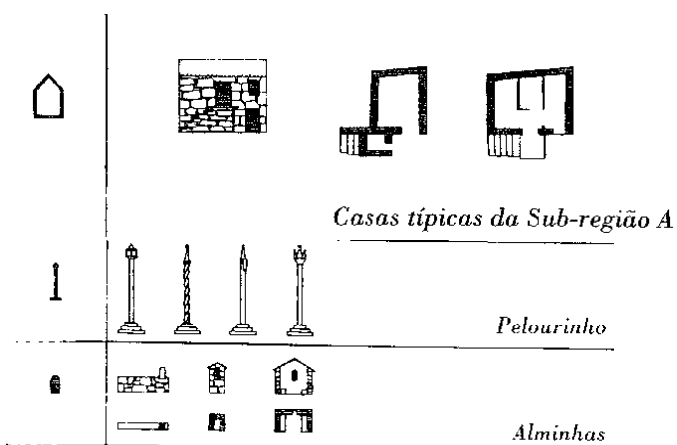
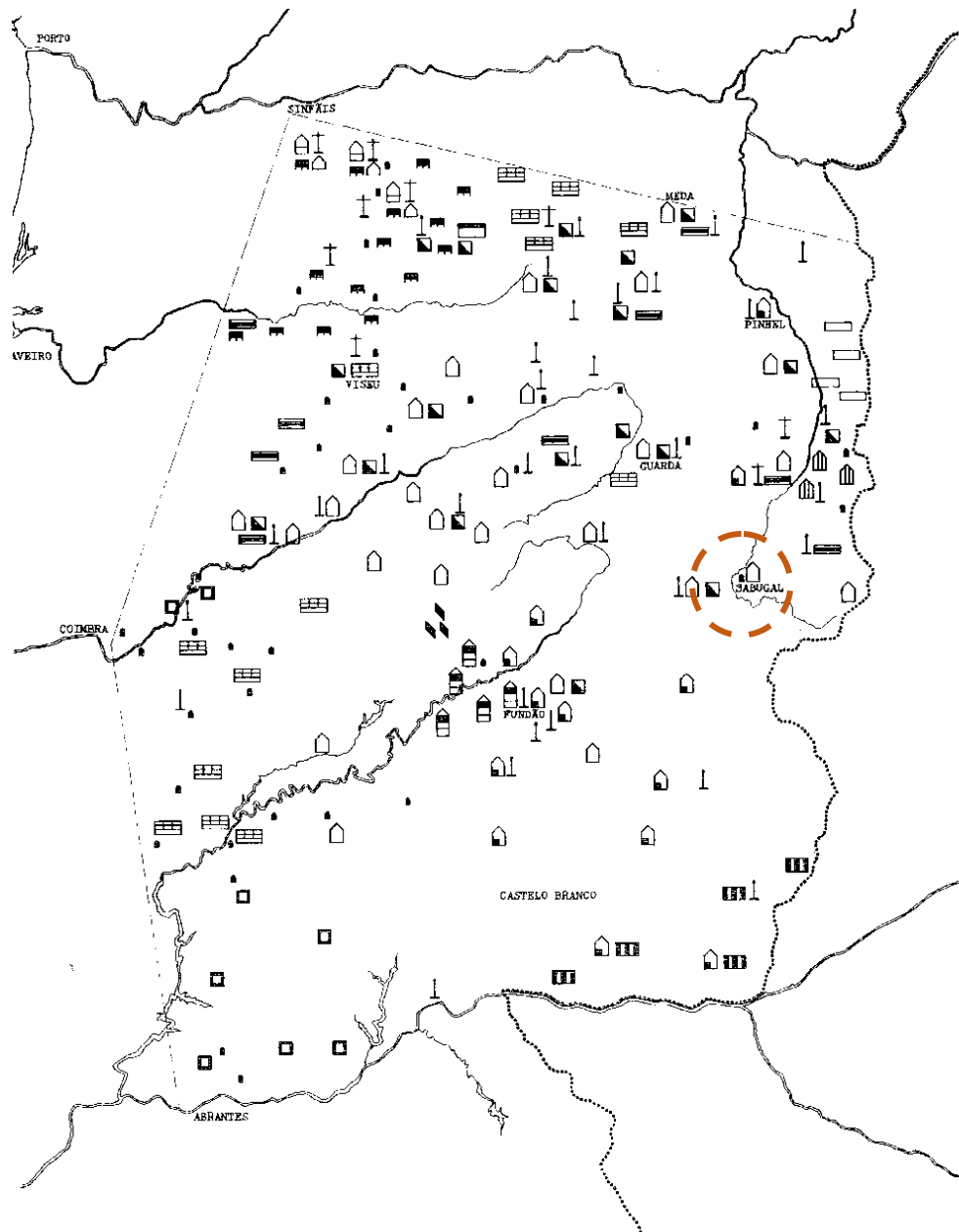


Figura 11 - Localização da aldeia de Valverdinho no mapa de tipologias da região beirã (fonte: IAPP, AA. VV., 1980 p.247)

A Arquitectura Vernacular em Valverdinho

Os factores que mais influenciam a arquitectura em Valverdinho são a religião e a economia, numa fase posterior também a cultura. Estes factores definem a importância e a dinâmica organizacional vernacular. O mais comum é a hierarquização dos espaços construídos dos mais importantes aos menos importantes.

Neste caso, como a principal actividade era a agricultura, as habitações eram apenas consideradas para pernoitar, em jeito de abrigo, sendo construções simples e com pouca qualidade espacial.

Desta forma a arquitectura vernacular em Valverdinho distinguia-se da maioria dos exemplos pelo território desta região beirã. Dos 89 edifícios que constituem a aldeia, apenas dois dos edifícios, casa 33 e casa 49 (ver anexo II, planta topográfica da aldeia de Valverdinho), apresentavam uma tipologia de dois andares. Sendo que o piso de baixo seria para abrigo de animais e o piso superior para habitação dos proprietários.

Suspeita-se pela história de Valverdinho que estas edificações fossem outrora dos chamados **“feitores” (trabalhadores com cargos superiores que tomavam conta das propriedades na ausência dos “senhores da aldeia”)**

Conforme referido, tradicionalmente os espaços habitacionais eram menos pensados e reflectiam uma construção progressista, aproveitando as paredes meias das casas contíguas para melhor e mais rápido contruir com o menor recurso a materiais e tempo de obra. Já nos edifícios comuns, com maior importância, a construção seria pensada e estudada sempre com uma estratégia quer fosse de culto ou defesa (dos bens), respectivamente a igreja e os celeiros. A própria dimensão das construções, o mobiliário, os materiais usados, os seus acabamentos e o método construtivo aplicado, refletem a economia da sua população e condicionam a forma de habitar.

Acerca do lugar, identifica-se que o sistema de povoamento da aldeia é semelhante à das Villas Rusticaes romanas, e apesar do sistema de organização ser aparentemente semelhante, a origem deste povoado baseia-se no “sistema de casais”. (Cameira, 1992)

O “sistema de casais” é um sistema de povoamento e fazia parte de um modelo socioeconómico feudal. Criado entre os séculos X e XII na Europa, devido ao crescimento demográfico e à necessidade de repovoamento, eram criadas parcelas que delimitavam e integravam a habitação do camponês e o conjunto de terras, ou a parcela de terra, que lhe era de direito, para sua exploração.

Estes povoados implantavam-se em territórios de baixa altitude e nos vales dos rios, de forma a beneficiar das terras fundas e irrigadas.

O sistema feudal tinha como base a agricultura, e o *feudo* (ou *senhorio*), era a terra dada por direito ao feudal (senhor), pelo rei.

Nesses *senhorios*, os camponeses cuidavam e trabalhavam nas grandes extensões de terra, em troca de um sítio para viver.

Parece não haver uma razão concreta para explicar a diversidade das formas construtivas.

Entre diversos fatores, a relação e a comunicação equilibrada entre os elementos naturais como o lugar e o microclima, ou sociais, das suas vivências e tradições, afetam a forma e a implantação dos modelos construídos, mas pessoas diferentes com atitudes diferentes, em contextos e interpretações distintas moldam formas diversas.

A Arquitetura Vernacular em Valverdinho - A relação da Igreja

A religião ou a falta dela, é considerado dos fatores mais importantes relativamente ao desenvolvimento das aldeias em geral. Este facto não é excepção em Valverdinho. A sua origem está directamente relacionada com a forma como a Igreja, enquanto instituição, atribuía terras para povoar habitualmente em zonas fronteiriças desabitadas e conjuntamente proclamava a **“palavra de Deus”,** juntando fiés por todo o território.

Sobre Valverdinho, podemos encontrar que **“(…) o lugar deve o repovoamento por volta de 1212, a povoadores de Valença (do Minho) ou Contrasta, destruída pelos leoneses. Talvez a povoação de Valverdinho recebesse várias dessas famílias riba-minhotas.”**¹³

Outros registos documentais referentes ao Cabido da Sé de Coimbra, referem que foi o bispo D. Egas Fafes que outorgou uma Carta de Povoamento a um lugar apelidado de Vale Florido, com 16 povoadores em Julho de 1257, na zona de Belmonte.¹⁴

“Nestas cartas de povoamento ou mesmo de foro aparece, nalguns casos, mencionado o número de povoadores (casais) a instalar no perímetro das terras atribuídas. Ficavam também discriminados os foros (em regra a 10ª parte sobre o pão, vinho, linho e legumes) e outras rendas. Pela festa de S. Miguel, os moradores de Olas de Godinho, Teixeira, Vale Florido e Aldeia de Fonte de Inguias, pagavam, por cada casal um almude 15 de trigo, uma galinha e ovos.”

Habitualmente, as Igrejas enquanto património edificado, quer no detalhe e rigor, quer na implantação, primavam por ter um edifício estrategicamente bem situados, quer na distribuição e integração na paisagem, bem como a sua orientação relativamente ao espaço, eram considerados espaços de grande qualidade arquitectónica e espiritual, onde os fiés depositavam as suas crenças e devoção.

Na maioria das populações vernaculares, as suas necessidades espirituais são tão ou mais importantes que as suas necessidades físicas, porque as suas capacidades emocionais, éticas e morais são mais desenvolvidas.

Em muitas culturas de escassez ou subsistência, embora economicamente e materialmente carentes, na sua dinâmica religiosa são altamente desenvolvidas e nas suas celebrações e rituais, as suas capacidades de adaptação e de devoção permitem construções arquitetonicamente bastante interessantes.

¹³ Enciclopédia Luso-brasileira op. cit

¹⁴ Vicente, Maria da Graça Antunes Silvestre: Entre Zêzere e Tejo Propriedade e Povoamento (séculos XII-XIV) Volume I; p. 97 em Cf. AN/TT, Cabido da Sé de Coimbra, 1ª Incorporação., mç. 15 n.º 39.

¹⁵ Almude: unidade de medida de capacidade para líquidos, especialmente para vinho, que variava de região para região. Deriva do árabe al-mudd. De acordo com a época, um almude equivalia ao alqueire desse sistema (8,7 litros)

Em Valverdinho, e de acordo com os anciães¹⁶, há registos da existência de uma pequena capela perto da barragem (localizada a cerca de dois quilómetros da aldeia) que fora destruída após as guerras com Espanha no século XIV. Por esta razão houve a necessidade de construção de uma Igreja. Esta com maior dimensão e culturalmente mais imponente, pela dinâmica da lavoura e das culturas. Há registos de documentos que relatavam um pedido para construção da igreja na aldeia de Valverdinho. O documento data de 1606 e pertencia a Estevão Rebelo, senhor da propriedade à data.

“Ele (E.Rebelo) e os moradores de Valverdinho, considerados colonos do dito prazo, requereram ao Bispo da Guarda, D.Afonso Furtado de Mendonça, nomeado em 1609, que aquele lugar continha 25 casais distantes da freguesia de Caria, a mais de meia légua, e por isso muitos ficavam sem missa, para guardar suas casas, e eram mal assistidos nos sacramentos. Pediram que fosse ali consentido haver nova igreja paroquial, que eles se obrigavam a construir, com capela-mor e coro da dita igreja, e aos ordenamentos necessários e à cõngrua du cura, tendo eles o direito de apresentação.” (p. 69, Cameira, 1992)

Desta forma entende-se que uma das principais dinâmicas de Valverdinho era o culto e a oração como forma de passar o tempo que lhes restava após a lavoura.

Durante a primeira metade do século XX, os padres vinham celebrar a missa de uma forma irregular. Muitas vezes as pessoas tinham que se deslocar às aldeias próximas para assistir à missa, a paróquia não tinha sempre um padre disponível.

Aquando da exploração directa pelo proprietário, a situação acaba por mudar. Após muitas intervenções e pedidos às autoridades do concelho, finalmente foi possível que o padre celebrasse a missa todos os domingos. Assim, e desde os anos cinquenta, tomou conta não só da celebração da missa, mas de todos os outros sacramentos. Todas as crianças tinham a catequese e depois dos anos sessenta, faziam a primeira comunhão.

Todos os batismos e casamentos eram celebrados na propriedade e outras tradições e festas religiosas foram recuperadas. Na Páscoa, uma das celebrações mais importantes havia o foliar e o padre visitava todas as casas para conviver e receber ofertas.

No mês de maio, havia o habitual rezar do terço ao fim do dia e todos os domingos, depois do meio-dia, as crianças, vestidas de branco, ofereciam pétalas de flores à Virgem, em honra do mês de Maria, entre músicas e orações.¹⁷

¹⁶ Op cit. (Cameira, 1992)

¹⁷ Op cit. (Cameira, 1992)

O privilégio - A ordem de Cristo e as Tábuas Vermelhas

Um foro de Valverdinho, pertencente à Diocese da Guarda, refere que Damião de Souza, fidalgo da casa real, cavaleiro da Ordem de Santiago e comendador da Herdade na vila de Setúbal e sua **mulher, “venderam por escritura a sua propriedade a Jorge Rodrigues Dias e Simona Mendes em 1604 por 6 mil cruzados.” (Cameira, 1992)**

No século XVI e XVII, a freguesia e paróquia do Espírito Santo de Valverdinho, pertencia ao concelho de Sortelha (extinto em 1855), e a que Casteleiro também era anexa.

Foi nessa altura que se construíram a maior parte das casas de Valverdinho, uma fonte e a ermida, hoje inexistentes.



Figura 12 Procissão no domingo de Páscoa em Valverdinho (Fonte: fotografia fornecida pelo atual proprietário)

Dizia que se rendiam ali 20 casais, 18 de palha e 2 de telha e 230 fanegas de centeio e 2 galinhas cada casal e pagavam à mitra 300 réis e 2 galinhas por dia de Natal.

A partir daí a propriedade foi sendo herdada entre gerações e geralmente pelo seu primogénito.

Em 1658, Valverdinho pertencia a Manuel Homem de Brito, Cavaleiro da ordem de Cristo e a sua mulher, D. Teresa Pereira Coutinho.

Herdou em 1711, sua filha, D. Feliciano Micaela Pereira Coutinho, que deixou a propriedade aos seus filhos e marido, Luís Pereira Coutinho, senhor da Casa de Penedono, Viseu, fidalgo nobre da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Mais tarde, João Bernardo Pereira Coutinho de Vilhena, Senhor dos direitos reais de Rendilhe e também Senhor da Casa de Penedono, casado em 1728 com D. Joana Teresa de Menezes.

É de salientar a forte ligação da família com a Ordem de Cristo e que nos alude um pouco sobre a família senhorial e os seus títulos por pertencer a uma ordem militar cristã, nomeadamente o **“privilégio das tábuas vermelhas” que Valverdinho usufruía exactamente por via da Casa de Penedono (casa da família senhorial).**

Este privilégio, das “**tábuas vermelhas**” concedido a Valverdinho significava que todos quantos os que lá habitavam, estavam dispensados de serem recrutados para a guerra, bem como dar cavalos para a mesma.

“Tem esta terra o privilégio das tábuas vermelhas por rezam de o ter o donatário e por este motivo se não fazem nela soldados nem se lançam éguas de criação”.¹⁸

Na segunda metade do século XVIII foi Melchior Pereira Coutinho de Vilhena e Meneses, Cavaleiro da Ordem de Cristo e fidalgo da Casa Real, que de dois casamentos, um segundo com a sua sobrinha Maria Leonor Pereira Coutinho, herdou o lugar.

Em 1768 o lugar tinha 18 fogos.

Nos primeiros anos do século XIX, era Manuel Pereira Coutinho de Vilhena e Menezes que governava o lugar. O seu filho João Pereira Coutinho de Vilhena e Meneses, foi quem mais tarde a herdou.

E assim sucessivamente, no século XX, herdou Macário de Castro da Fonseca e Sousa, Senhor da Casa de Brolhas, de Lamego.

E apesar de serem donos do lugar, os senhores de Valverdinho nunca habitaram na quinta, mas sim em Lamego, Viseu, sendo eles senhores da Casa de Penedono.

Governavam Valverdinho à distância.

Só em 1950, Manuel de Castro da Fonseca Pereira Coutinho, casado com Maria Wandschneider de Faria Mesquita, herdaram a quinta e nela residiram durante algum tempo, construindo a casa senhorial.

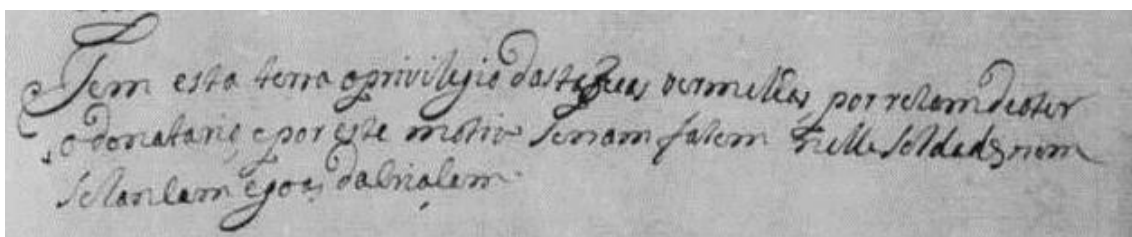


Figura 13 Foral do privilégio das Tábuas Vermelhas em Valverdinho
(Fonte: <http://vivercasteleiro.blogspot.com/2014/10/as-tabuas-vermelhas-de-valverdinho.html>)

¹⁸ <http://vivercasteleiro.blogspot.com/2014/10/as-tabuas-vermelhas-de-valverdinho.html>

Paisagem e Território

Topografia

Diferente do que acontece no resto da sua região distrital, a aldeia de Valverdinho apresenta uma elevação consideravelmente menor, com uma altitude que oscila entre os 400 e os 600 metros, visto se tratar de uma zona de transição entre o planalto do Sabugal (entre os 700 metros e os 900 metros de altitude) e a depressão da Cova da Beira (com uma altitude que não ultrapassa os 500 metros), com declives mais suaves e abertos, e que, ao contrário da sua região, podem chegar aos 40° de inclinação da superfície. “A Bacia da Cova da Beira, na extremidade ocidental do concelho, na freguesia da Bendada e de Casteleiro, ostenta altitudes na ordem dos 500 metros, e declives pouco acentuados, sobretudo junto das ribeiras, que exibem vales abertos **nesta área**” (Pinto, 2013)

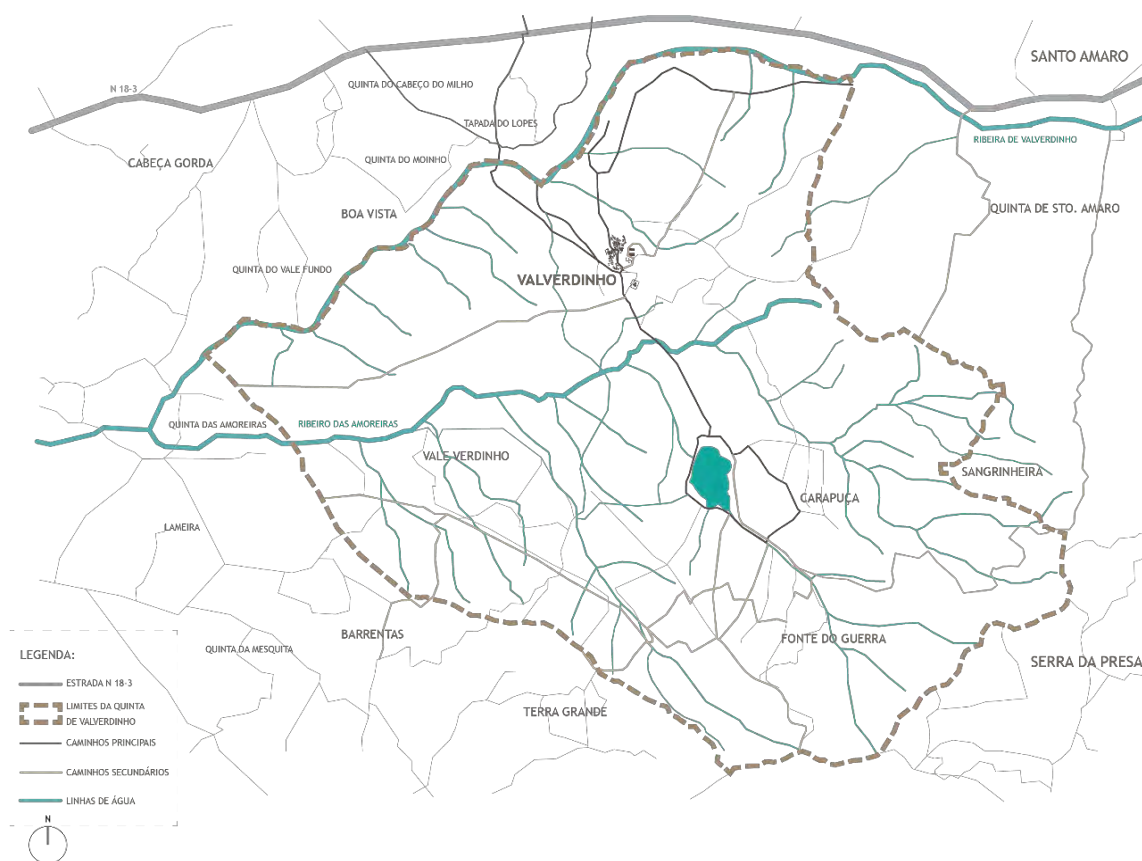


Figura 14 Os limites da propriedade da Quinta de Valverdinho, sem escala (Fonte: própria autoria)

Valverdinho, como parte da região beirã, está inserida na zona Centro-Ibérica, de constituição predominantemente granítica, apresentando um perfil, em geral, mais abrupto que as zonas xistosas ou de outras rochas sedimentares.

As rochas graníticas ocupam cerca de 60% da área total do concelho de Sabugal, e na zona sudoeste, onde se localiza a aldeia, apresentam-se de duas micas, de grão grosseiro e de cor acinzentada.

Os afloramentos rochosos nesta região são bastante comuns e adotam diversas formas de grande e pequena escala, com elevado interesse científico e patrimonial.



Figura 15 Os campos de cultivo de Valverdinho (Fonte: própria autoria)



Figura 16 Os afloramentos rochosos de granito (Fonte: própria autoria)

Os ribeiros

As duas principais linhas de água que percorrem o lugar são afluentes do rio Zêzere: a ribeira de Valverdinho e o ribeiro das Amoreiras.

Estas ribeiras fazem parte da bacia hidrográfica do Tejo¹⁹, que abrange uma área total de 24 650 km². Desta bacia e da região ocidente do concelho, fazem também parte a ribeira do Casteleiro, a ribeira da Bendada e a ribeira da Quarta-Feira.

A ribeira de Valverdinho faz o limite norte da propriedade e é por aí o acesso principal da quinta, por um pontão.

O ribeiro das Amoreiras é a linha de água mais importante e atravessa a propriedade de oeste a sul até à barragem, construída nos anos 50 para uso agrícola.

¹⁹ A bacia hidrográfica é uma extensão ou a superfície de escoamento de um rio central e dos seus afluentes. Neste caso, as ribeiras que cruzam Valverdinho fazem parte do rio Zêzere, que por sua vez é um afluente do rio Tejo. Como principal objetivo a definição de uma política de planeamento adequada, visando a valorização, a proteção e a gestão dos recursos hídricos, foi criado um programa de apoio, o Plano da bacia hidrográfica do Tejo.



Figura 18 A barragem (Fonte: própria autoria)



Figura 17 Ribeiro das Amoreira (Fonte: própria autoria)

Clima

Toda a região mediterrânica é caracterizada por verões com temperaturas médias elevadas, grande secura atmosférica e forte insolação, e invernos amenos e chuvosos.

Devido à influência direta do oceano Atlântico, o clima português caracteriza-se por ter uma menor amplitude térmica, com ocorrência de precipitações, principalmente nas estações de outono e inverno. No verão a precipitação é escassa e a amplitude térmica é maior que nas restantes estações do ano.

A orientação do relevo continental de este para oeste, não permite a passagem dos ventos húmidos da costa para o interior, o que diferencia o seu clima e por sua vez, a sua paisagem.

Em Valverdinho o clima é mediterrânico, quente e temperado, com verões muito quentes e secos, com uma duração superior a dois meses e invernos rigorosos e húmidos, com um nível médio de pluviosidade com cerca de 930 mm por ano, muito superior à média de 700mm da sua região. Existe uma diferença de 128 mm entre a precipitação do mês mais seco e do mês mais chuvoso.

Tabela 1 Quadro dos ambientes térmicos invernais e estivais da região centro (fonte: Concelho do Sabugal modelo granítico, paisagem e património geomorfológico, Pinto P.FCT UC, 2013, p. 59)

Locais abrangidos	Ambiente térmico invernal				Ambiente térmico estival			
	Tm média-invernal	Nº dias com Tm média < 0° C	Comprimento da estação (em dias com Tm < 5° C)	Tipo de ambiente	TM média do mês + quente	Nº dias com TM > 25° C	Nº dias com TM > 30° C	Tipo de ambiente
Serra da Malcata	<1° C	> 40	>160	Muito Frio	23 - 29 °C	20 - 100	5 - 15	Moderado
Plataforma do Côa	1-2° C	30-40	100-150	Frio	23 - 29 °C	20 - 100	5 - 15	Moderado
Cova da Beira	1-2° C	30-40	100-150	Frio	29 - 32 °C	100 - 120	15 - 30	Quente
Beira Litoral	4-6° C	2 - 15	< 50	Moderado	23 - 29 °C	20 - 100	5 - 15	Moderado

Tm – temperatura mínima média; TM – temperatura máxima média

No verão tem um ambiente térmico quente, com uma temperatura máxima média do mês mais quente (Agosto) de 22.8° Celsius. Com uma duração média de 100 a 120 dias ao ano e dos quais 5 a 15 dias com registos de temperaturas superiores a 30° Celsius.

O Inverno, tal como no resto da região, tem um ambiente térmico muito frio, com uma temperatura mínima média de 6.3° C no mês mais frio, Janeiro.

A estação invernal varia entre 100 e 150 dias e durante uma média de 30 a 40 dias ao ano, as temperaturas mínimas diárias podem ser inferiores aos 0° Celsius.

A média de temperatura varia na região da Cova da Beira entre os 12.5 e os 15° Celsius e em Casteleiro a média é de 14.0 °C.

A variação das temperaturas médias durante o ano é de 16.5 °C.

Em Valverdinho, a queda de neve é rara pela sua altitude, mas a formação de geada é mais acentuada que noutras regiões do concelho, com uma duração entre 20 a 30 dias ao ano.

Tabela 2 - Quadro de temperaturas médias em Casteleiro (fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Casteleiro>)

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Temperatura média (°C)	6.3	7.6	9.9	12.2	14.9	19.7	22.7	22.8	19.8	14.9	9.9	6.8
Temperatura mínima (°C)	3.2	3.7	5.9	7.5	9.9	13.9	16.3	16.4	14.4	10.6	6.4	3.7
Temperatura máxima (°C)	9.5	11.5	14	17	20	25.6	29.1	29.3	25.2	19.3	13.5	9.9
Temperatura média (°F)	43.3	45.7	49.8	54.0	58.8	67.5	72.9	73.0	67.6	58.8	49.8	44.2
Temperatura mínima (°F)	37.8	38.7	42.6	45.5	49.8	57.0	61.3	61.5	57.9	51.1	43.5	38.7
Temperatura máxima (°F)	49.1	52.7	57.2	62.6	68.0	78.1	84.4	84.7	77.4	66.7	56.3	49.8
Chuva (mm)	137	125	95	78	67	43	9	9	42	90	124	111

Flora

O pinheiro bravo, o castanheiro e os carvalhos são as principais espécies existentes no concelho, e em Valverdinho são também abundantes.

A sua madeira foi muito utilizada para fazer utensílios domésticos, para carpintaria, para construir, e para cozinhar e se aquecerem.

Houve ainda, em tempos, alguns sobreiros que eram usados para a produção de rolhas de cortiça.

Localizado no território do vale do Zêzere, é uma zona de bosques com sobreiros, azinheiras, carvalhos-negral, medronhais, ulmeiros e também olivais.²⁰

Nas zonas ribeirinhas, encontram-se amieiros, salgueiros e freixiais ribeirinhos.

Entre a vegetação arbustiva, encontram-se giestais, estevais, tojais, rosmaninhais, a urze vermelha, a carqueja, entre outras.

²⁰ (Pinto, 2013)

Devido à ocupação humana a vegetação autóctone sofreu algumas alterações.

Grande parte da cobertura vegetal original deu lugar a áreas de cultivo, prados, pastagens, povoamentos florestais e matos em função das práticas agrícolas e silvo-pastoris.

A qualidade do terreno é propícia para o cultivo do milho, da batata, da oliveira, da vinha e de cereais, especialmente do centeio.

Apesar das alterações no sector primário e até na forma de exploração, hoje, e apesar de pouco ativa, os campos de cultivo ainda são explorados.

Na aldeia de Valverdinho, a sociedade agrícola Jovapa dedica-se à agricultura e à produção animal combinadas ainda hoje.

Também, com interesses científicos e até ecológicos, existe maior preocupação na conservação dos habitats naturais e pela biodiversidade das espécies da flora e por isso a AFLOBEI, a associação florestal da Beira interior que explora parte dos campos da aldeia, a partir de programas de apoio europeus e nacionais, promovem o reflorestamento e a investigação de espécies arbóreas, cogumelos e mísscaros e até mesmo de animais.

Fauna

Da fauna podemos observar em Valverdinho um grande número de aves como as cegonhas, falcões, águias, perdizes, rolas, patos, codornizes e de animais de maior porte: lobos, lebres, raposas, coelhos, cervos e javalis. Muitos deles bastante procurados na caça desportiva, uma das atividades ainda algo ativas na aldeia.

Aquando havia população existiam também os animais de agropecuária como porcos, cavalos, bois, vacas, cabras e ovelhas.

Cada família tinha as suas galinhas e coelhos.

Fatores Humanos

Vivências

Os habitantes viviam de forma simples e modesta e o mobiliário das suas casas era rudimentar e contendo o indispensável. Uma mesa, algumas cadeiras, uma cantareira, uma arca para guardar o pão e camas com colchões de palha.

A sua alimentação era simples, à base de pão, de batatas, de legumes verdes e secos. Não tinham muita loiça e a família comia do mesmo prato, usando talheres de ferro.

Apenas nos dias de festa, as refeições eram mais cuidadas, cozinhando galinha ou coelho.

Sobre a organização dos trabalhos, cada trabalhador tinha a sua tarefa, que podia variar desde o arado, as vinhas, a irrigação, atividades pastorícias e colheitas.

No topo da hierarquia haviam os feitores, normalmente dois, que organizavam o trabalho, a distribuição dos cultivos, das colheitas, negócios e toda a gestão financeira para o senhor, o dono de Valverdinho.

No final da celebração da missa ao domingo, asseguravam o pagamento dos restantes trabalhadores.

Os ganhões ocupavam-se da junta de bois e eram eles que andavam pelos cultivos com os animais, ajudando no arado e no transporte da mercadoria. Eram quem cuidavam dos animais e dos estábulos.

Os pastores eram os que passavam menos tempo na propriedade. Tinha de estar sempre atentos ao seu rebanho com a ajuda dos seus cães. Usavam as roupas tradicionais, capotes e safões (espécie de calças).

Os criados da casa, os caseiros, faziam unicamente os trabalhos domésticos, cuidavam dos animais e das hortas do senhorio. Alguns deles ficavam a cargo da queijaria, na cozinha, e variava.

Os trabalhos agrícolas ocupavam grande parte do tempo durante ano, mas no inverno, devido ao tempo frio, era uma época baixa na agricultura e por isso os trabalhadores ocupavam-se de outras atividades: apanhavam lenha, arrancavam ervas e silvas pela propriedade, limpavam os canais de água, cuidavam dos animais e armazenavam e organizavam os bens agrícolas.

Os homens tinham os trabalhos considerados mais árduos fisicamente. Lavar e regar as terras, semear os campos, arrancar as batatas, debulhar os cereais, colher ervas para os animais e manter limpos os estábulos, carregar e descarregar os produtos, cavar os regos e os canais, cortar e guardar a lenha e cuidar dos cultivos e terrenos.

As mulheres ocupavam-se das tarefas domésticas, faziam limpezas, o pão, cozinhavam e lavavam a roupa. A roupa lavava-se nas presas²¹, cursos de água ou pias, de onde vinham a água da Fonte Nova, hoje extinta.

Havia ainda o forneiro, um habitante que se ocupava voluntariamente de aquecer o forno, de enfiar e de tirar do forno o pão, de centeio, em troca de um pão por cada trabalhador. Assim permitia que não tivessem que gastar dinheiro para comprar pão.

O domingo era o dia de descanso e todos iam à missa, que mais do que um lugar de oração, um lugar de reencontro.

Os jovens organizavam jogos, passeios e bailes.

Em períodos de crise, os trabalhadores tinham um certo número de tarefas a cumprir para o patrão. Nesses períodos, tinham momentos mortos e os habitantes aí dedicavam-se aos seus próprios cultivos, nas hortas, ou iam resolver assuntos às aldeias vizinhas.

Os habitantes escolhiam o porco para a matança e a marrã para reprodução. Quando os leitões estavam robustos, eram vendidos tanto no mercado como na própria propriedade.

A matança do porco era um evento anual, normalmente em janeiro e todos participavam. Os homens matavam o porco e as mulheres ocupavam-se da carne, das tripas e do sangue para a conceção de enchidos, fumeiros e caniços.

Eram conservados em potes de terracota cheios de óleo ou banha de porco para serem consumidos durante o ano.

Contrariamente a outrora, a população era jovem e a vida social ganhou uma importância relevante. Reuniam-se à noite depois do trabalho, com os mais velhos, em conversas e discussões, e aos domingos organizavam jogos e bailes.

A partir de 1950 com a fixação do proprietário, houve preocupação com a modernização e o fim do emparcelamento dos terrenos a favor de um terreno único. Tendo-se extinto o sistema de parcelas, muitos trabalhadores quiseram deixar a propriedade e estabeleceram-se nas aldeias mais próximas.

Com o aumento da mecanização houve um aumento da produção e por isso as necessidades de irrigação aumentaram e foi necessária a construção de uma barragem e de um sistema de valas e canais de água, para circular a água pelos campos.

Assim, a água também chegava às habitações através de tanques. Os novos sistemas de irrigação permitiam o cultivo a grandes distâncias e por isso desenvolveu-se a produção do tomate e do

²¹ Presa: poço mais largo e raso

nabo. Mas esta adopção da mecanização foi provocando a extinção de certos cargos nos trabalhadores e por deixaram de ser necessários, foram deixando a aldeia.

Na segunda metade do século XX, as carências do domínio agrícola levaram a que as pessoas fossem desertando e a falta de mão de obra fez-se sentir cada vez mais.

Os baixos rendimentos e a inadaptação das explorações agrícolas na falta de mecanização e até a própria natureza dos solos, levou a que as gerações mais jovens procurassem outros meios de subsistência e melhores oportunidades de emprego.

A Beira alta foi uma das regiões em que a migração para os centros urbanos e o exódo da emigração mais se fez sentir.

A partir dos anos 60, a densidade populacional diminuiu consideravelmente.

A população de Valverdinho, em 1930, aproximava-se de 200 habitantes, em 1969, 155 pessoas e em 1970, apenas havia o registo de apenas 56 habitantes. Depois disso, a população decresceu e envelheceu, até a aldeia ficar desertificada nos anos noventa do século passado.

Tabela 3 - Tabela comparativa dos habitantes da aldeia de Valverdinho, Quinta e Santo Amaro e Casteleiro entre 1768 e 1991 (Fonte: Cameira, 1992, p. 85)

Ano	Qta. De Valverdinho	Qta. De Santo Amaro	Casteleiro
1768	18	-	146
1940	155	98	1089
1960	115	90	920
1970	56	29	702
1991	4	-	563

Ai Quinta Ai Quinta de Valverdinho
Se por aí vires o meu padrinho
Saberás quem é, saberás quem é

Ai Quinta Ai Quinta do Verde Val
Se por aí vires o seu cavalo
Saberás quem é, saberás quem é

Ai gentes Ai gente do Val em flor
Se por aí virdes um lavrador
Saberás quem é, Saberás quem é
É o feitor²²

²² À maneira das “*Cantigas de Amigo*” em (Cameira, 1992)

Capítulo 3 | Teórico-Prática

Crescimento, evolução e condicionantes

As características morfológicas, como as condições produtivas do terreno em que se insere a aldeia, desempenham um papel condicionador no processo de organização, estruturação e configuração formal e física do conjunto.

Ao longo dos tempos, a contínua apropriação do Homem sobre o espaço, foi ditando a forma do lugar. E apesar de não haver um planeamento urbanístico ou um estudo prévio, a edificação deste tipo de estrutura arquitetónica vernacular não foi arbitrária, havendo em cada ação, uma forte intencionalidade.

Pela forma da malha urbana da aldeia de Valverdinho, Amorim Girão²³ refere que o tipo de povoamento é aglomerado por ser uma forma característica destas regiões planálticas do interior, localizando-se em regiões de solo pobre e clima rigoroso, mais secas, menos povoadas, da vida difícil e de isolamento.

Orlando Ribeiro²⁴ refere também que é típico de regimes agrários comunitários ou de exploração comunitária.

Sobre o crescimento da aldeia, a partir da análise teórica anterior sobre a sua origem e pelo próprio estado de conservação dos edifícios, pode-se concluir que o núcleo original se formou a partir de um conjunto de casas, contruídas contiguamente e que os edifícios seguintes foram-se dispendo à volta desse mesmo núcleo.

Esse núcleo desenvolve-se a partir de um eixo de circulação que se ramifica em dois percursos, subindo em altitude, e cuja disposição e relação habitacional demonstra a hierarquia do aglomerado, localizando-se na zona mais elevada, a casa do feitor.

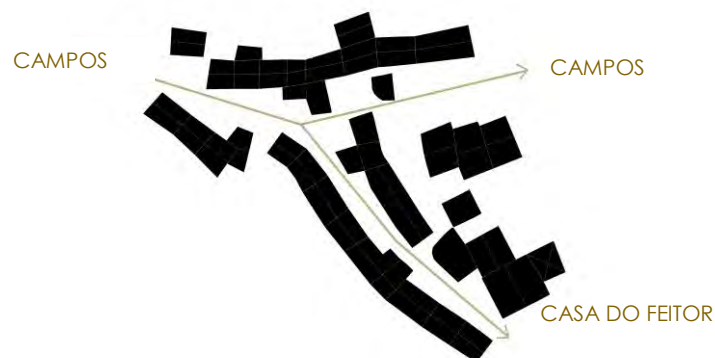


Figura 19 Esquema do núcleo original da aldeia de Valverdinho e percursos (sem escala)

²³ Em Amorim Girão, Geografia de Portugal, 1941 p.258

²⁴ Orlando Ribeiro, Mapa dos tipos de Povoamento, 1955 em Estudo da Forma Urbana em Portugal, AA.VV. 2015

De forma a se aproveitar o máximo de território possível para a ocupação agrícola, as construções concentravam-se num espaço, rentabilizando e racionalizando o território, distanciadas das linhas de água, para que os solos férteis que ladeiam estas zonas fossem usados exclusivamente para a agricultura.

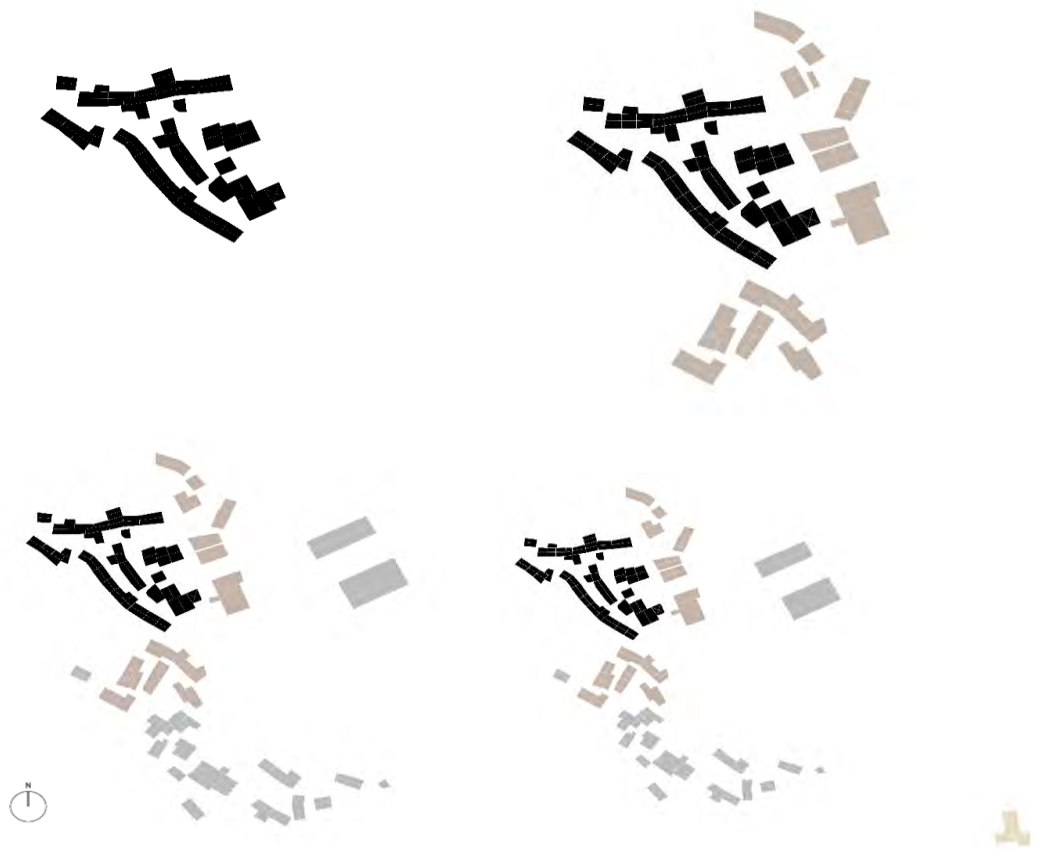


Figura 20 Esquema de crescimento da aldeia de Valverdinho (sem escala) (Fonte: própria autoria)

A partir de outro esquema pode-se demonstrar estas linhas orientadoras de cada fase de crescimento, sendo a vermelha o núcleo original de habitações, a amarelo a orientação dos celeiros, a azul a orientação da Igreja e por fim a castanho, a orientação da casa Senhorial.

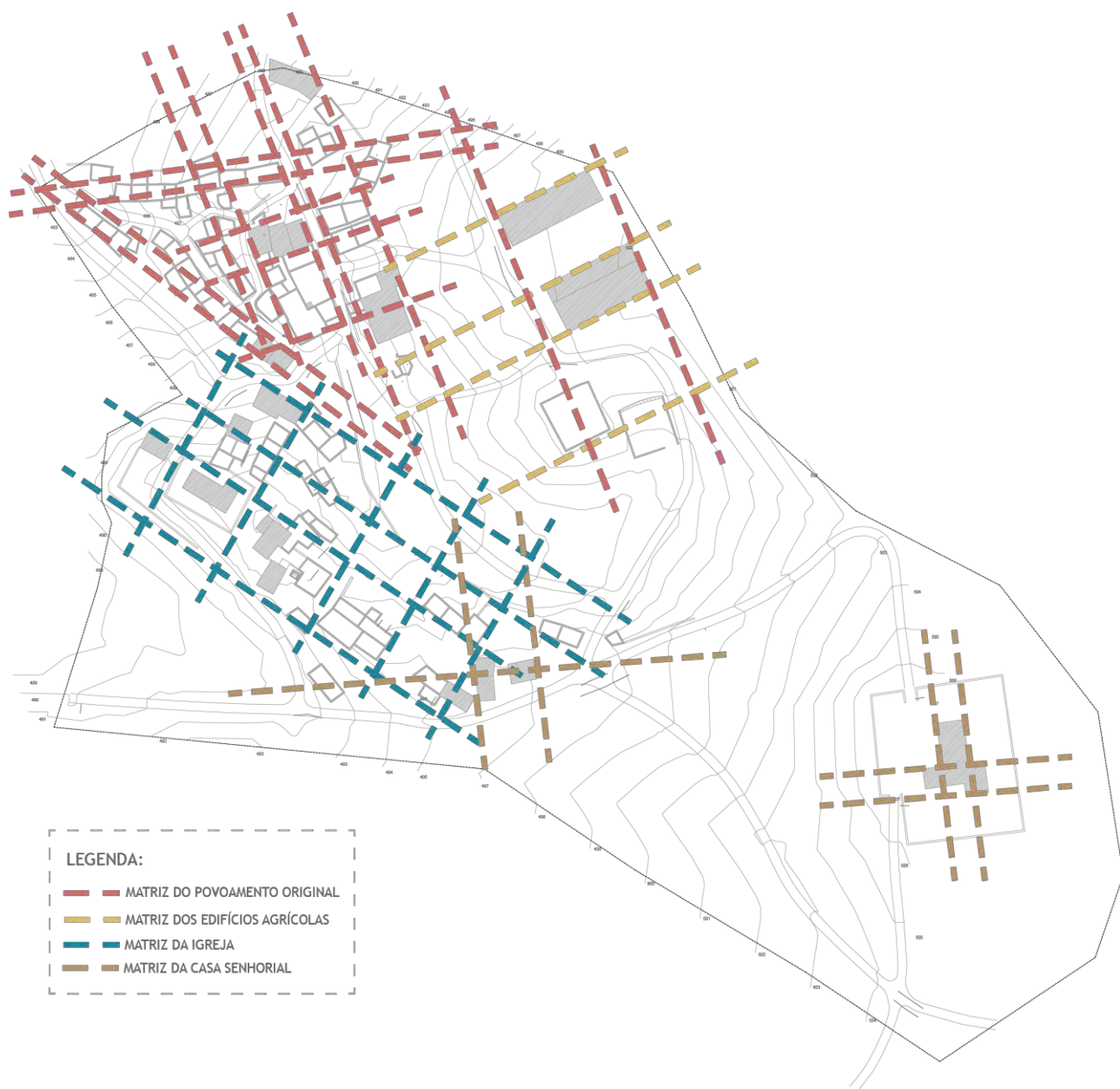


Figura 21 Crescimento da aldeia: linhas orientadoras da disposição dos edifícios (sem escala) (Fonte: própria autoria)

No esquema seguinte relaciona-se temporalmente este crescimento da aldeia em relação à data das edificações mais importantes como a construção da igreja e da casa senhorial.

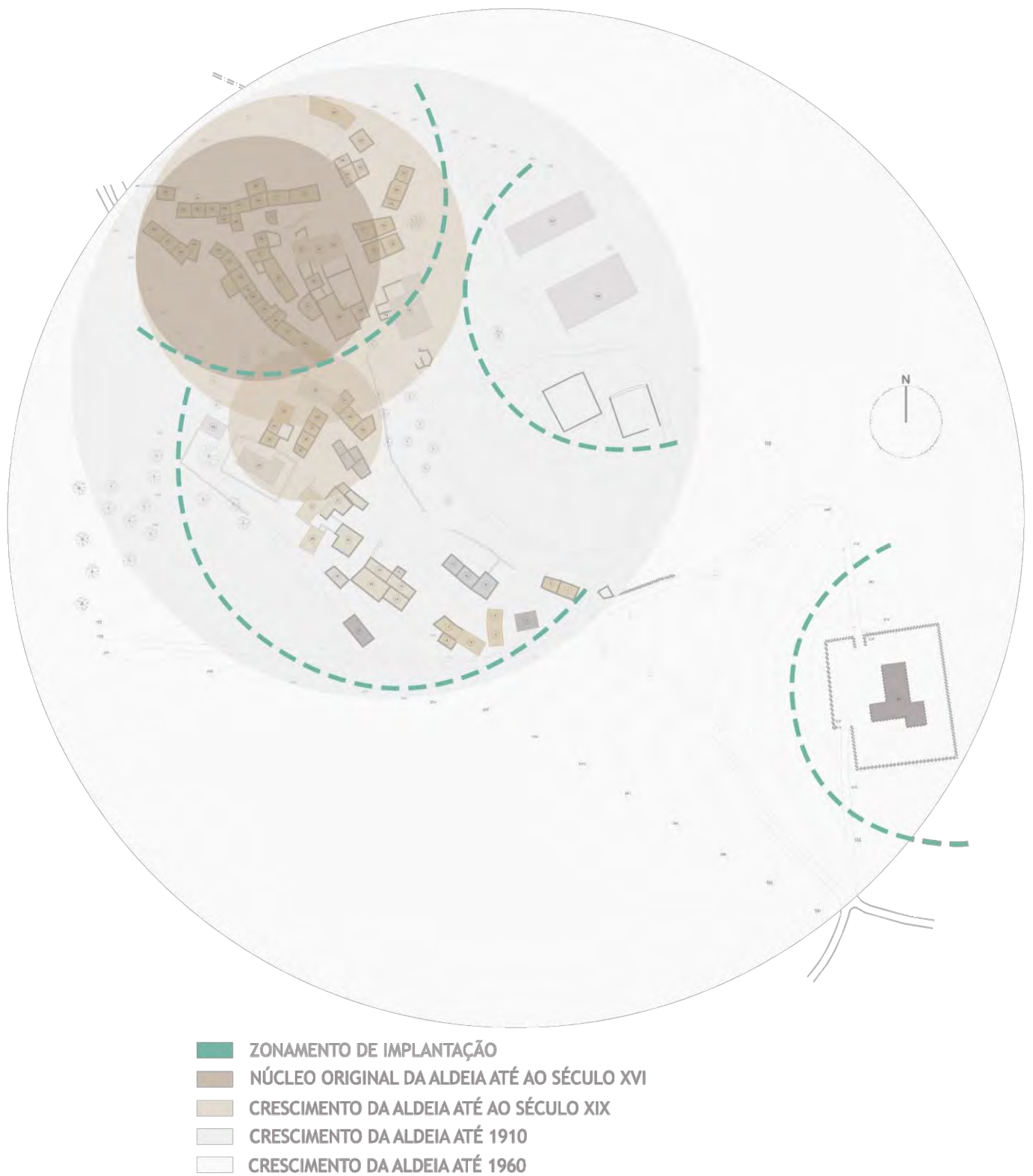


Figura 22 Esquema de crescimento da aldeia temporalmente (sem escala) (Fonte: própria autoria)

O lugar de implantação da aldeia é elevado em relação aos campos, num posicionamento estratégico e privilegiado relativamente à paisagem.

Localizado precisamente entre as duas principais linhas de água que atravessam a propriedade, permitindo uma visualização e controlo sobre os seus cultivos, delineados geometricamente.

A repartição do terreno era feito através de soluções de medição engenhosas, criando uma malha geométrica e retalhada, configurando o terreno conforme a sua intenção.

E embora sem comunicação visual, a aldeia de Valverdinho comunicava através de caminhos com as populações envolventes.

Esta sua posição, embora favorável para a sua atividade laboral, criava um aparente isolamento em relação às aldeias vizinhas.

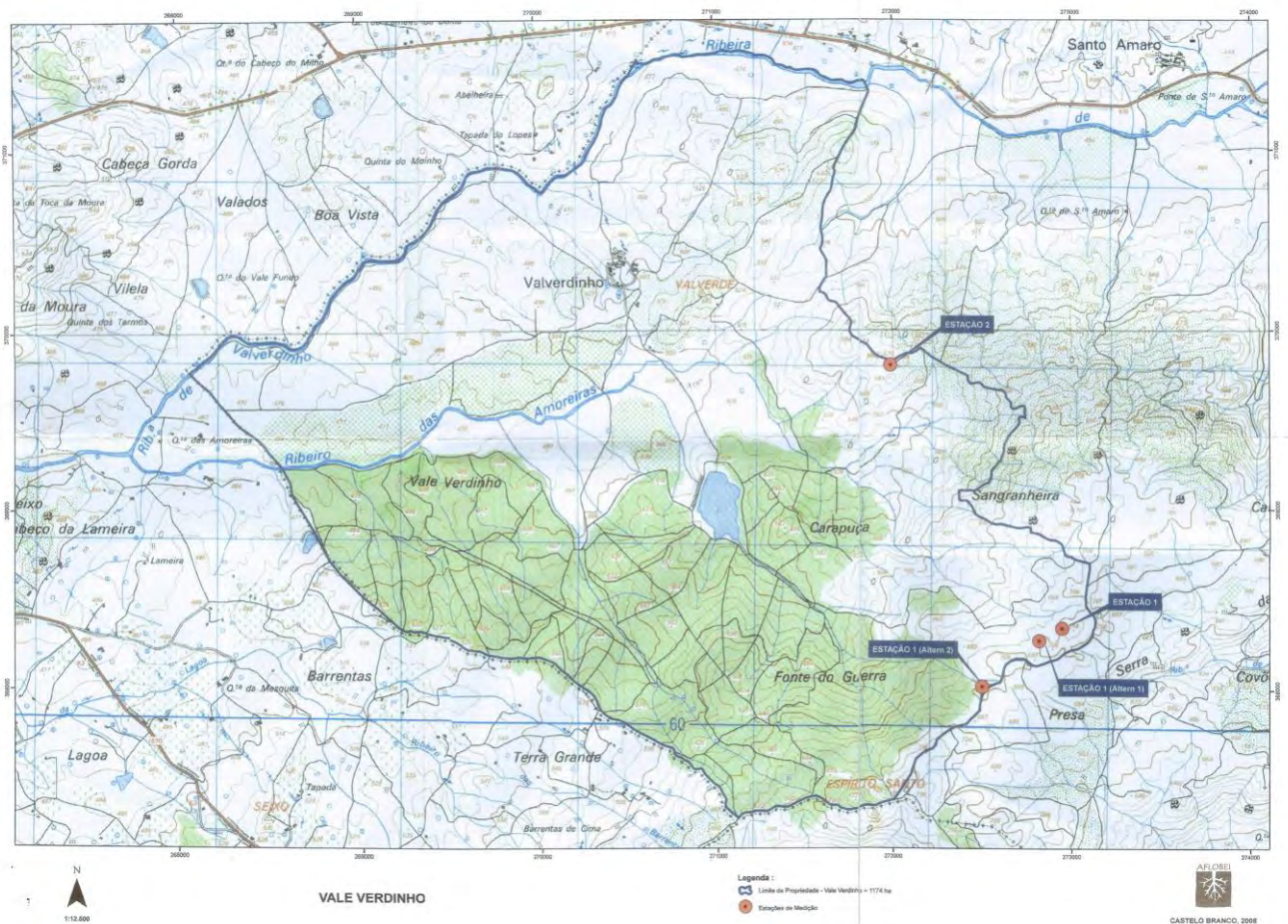


Figura 23 Limites da propriedade onde se localiza a aldeia de Valverdinho (sem escala) (Fonte: documento fornecido da AFLOBEI) – (Ver à escala 1:12 500, no anexo III, Planta topográfica da Quinta de Valverdinho)

O acesso principal à aldeia fez-se durante muito tempo por uma pequena ponte de madeira que atravessava a ribeira de Valverdinho, e que durante muito tempo se fazia a pé, ficando os carros à entrada da propriedade. A construção do pontão em pedra, no século XX, marcou a diferença nas vias de comunicação e na sua dinâmica social, alterando a circulação do espaço. Os diferentes tempos trouxeram também diferentes formas de assentamento no território.

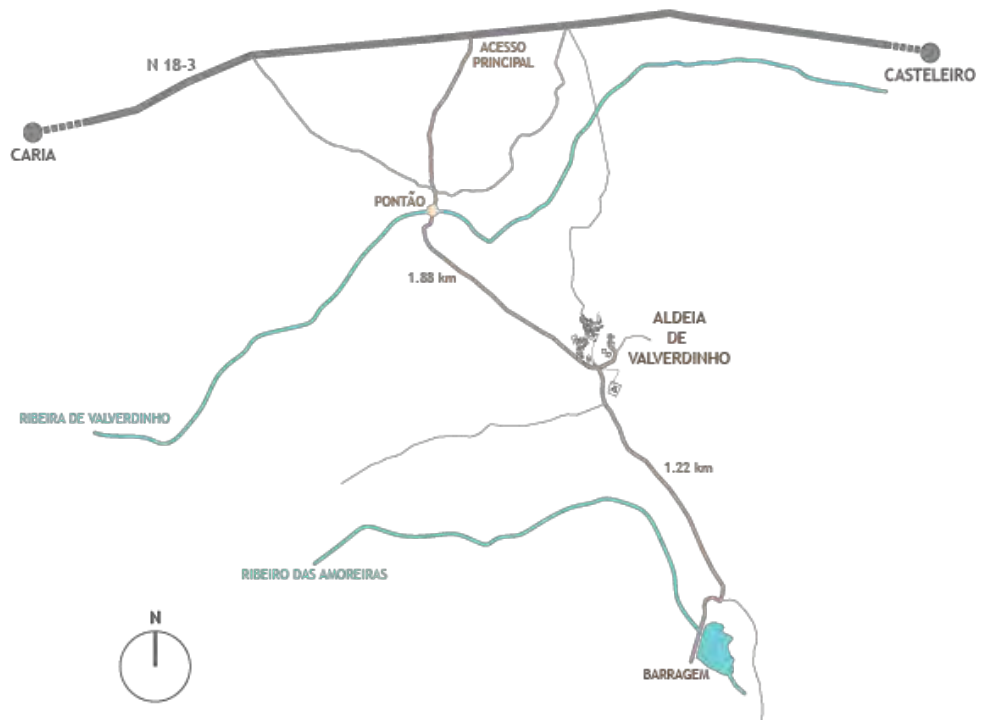


Figura 24 - Distância do Pontão (entrada) à aldeia de Valverdinho e da aldeia à barragem (sem escala)

Sobre os agrupamentos dos edifícios pode-se observar que o primeiro núcleo tinham uma forma mais linear, depois uma forma alveolar ou em “L” e por fim, edifícios isolados e mais espaçados.



Figura 25 Esquema geral de agrupamentos dos edifícios da aldeia (sem escala)

Do espaço construído, a aldeia era constituída maioritariamente por habitações unifamiliares, sendo os outros espaços celeiros, a Igreja e a escola primária.

O espaço público era pouco pensado e mais funcional e orgânico.



Figura 26 Esquema geral de espaços por funções (cheios e vazios) (sem escala)



Figura 27 Esquema geral de tipologias da aldeia de Valverdinho (sem escala)

Os arruamentos e o espaço público eram completamente ignorados. Não havia uma preocupação estética ou estrutural sobre as ruas. As habitações delimitavam os espaços para os caminhos, e os caminhos faziam-se pelo natural percurso dos seus habitantes, de forma orgânica e indefinida. Na delineação destes traçados dos percursos e a sua direção, estava a facilidade que os homens e os animais teriam de percorrê-la, desviando-se e mudando de direção sempre que encontravam um obstáculo físico à sua passagem.

Entre estas duas primeiras artérias de circulação acaba por não haver um percurso previamente definido, mas marcado pelo uso.



Figura 28 Vias principais de secundárias da aldeia (Fonte: própria autoria)



Figura 29 Acessos da aldeia (Fonte: própria autoria)

Linhas de água e campos de cultivo

As duas principais linhas de água que percorrem o lugar são afluentes do rio Zêzere, a ribeira de Valverdinho e o ribeiro das Amoreiras.

Estas ribeiras fazem parte da bacia hidrográfica do Tejo²⁵, que abrange uma área total de 24 650 km². Desta bacia e da região ocidente do concelho, fazem também parte a ribeira do Casteleiro, a ribeira da Bendada e a ribeira da Quarta-Feira.

A ribeira de Valverdinho faz o limite norte da propriedade e é aí que se encontra o acesso principal da quinta, por um pontão.

O ribeiro das Amoreiras é a linha de água mais importante e atravessa a propriedade de oeste a sul até à barragem, construída para uso agrícola.

A barragem particular recebe águas pluviais e das nascentes que a rodeiam e que permitiu, a partir dos anos 50, a distribuição e o aumento da área irrigável das terras de regadio.

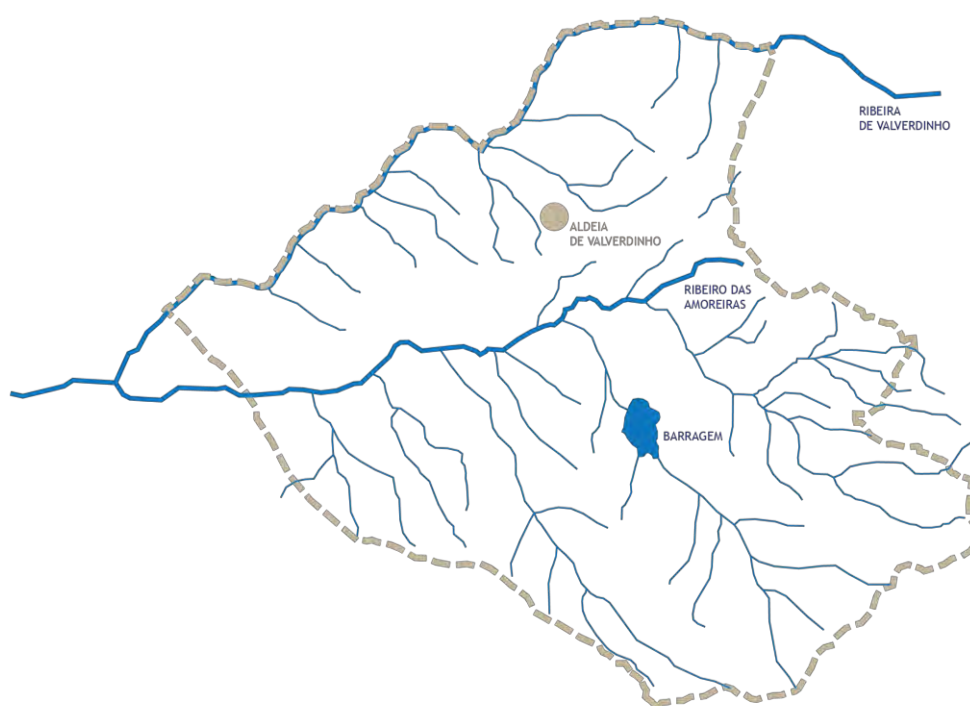


Figura 30 Esquema da rede hidrográfica da Aldeia de Valverdinho (Fonte: própria autoria)

²⁵ A bacia hidrográfica é uma extensão ou a superfície de escoamento de um rio central e dos seus afluentes. Neste caso, as ribeiras que cruzam Valverdinho fazem parte do rio Zêzere, que por sua vez é um afluente do rio Tejo. Como principal objetivo a definição de uma política de planeamento adequada, visando a valorização, a proteção e a gestão dos recursos hídricos, foi criado um programa de apoio, o Plano da bacia hidrográfica do Tejo.



-  Ruínas
-  Edificado existente
-  CBB Ovil (Casão)

desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente local
Valverdinho, Sabugal

especialidade

Arquitectura

data Setembro 2020
escala 1:2000



[88]

O Ovil ou *Casão*

Construída nos finais dos anos 60 para albergar animais e guardar o milho e a batata no inverno.

Este espaço era também usado como dormitório para o circo, o teatro e as comédias ambulantes que vinham à aldeia durante o ano, por vezes era até mesmo usado para os próprios espetáculos. Preservando a traça original do conjunto edificado, a construção preserva a tradição com as paredes em cantaria, e posicionada mais afastado da aldeia, mas num lugar de destaque, o que permite o controlo e a guarda do lugar de possíveis invasores.

Servia para guardar o gado caprino e ovino.

Apresenta uma planta longitudinal e o que mais valoriza o lugar é a sua simetria nos vãos e nas entradas.






Figura 31 O Ovil ou "Casão", vista frontal (Fonte: própria autoria)

Com cobertura de duas águas prolonga-se na fachada tardoz, de forma a fazer um alpendre onde se guardam as alfaias agrícolas.

A proposta de reconversão deste edificado, apresenta-se como o “**Mercado dos agricultores**”. Um espaço que se propõe ser destinado a comércio e serviços para regeneração da aldeia e do coração de valverdinho. Tem em redor um parque de merendas e a praça do “**Coração de Valverdinho**”.



-  Ruínas
-  Edificado existente
-  C87 Celeiro (Barracão)

desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente local
Valverdinho, Sabugal

especialidade

Arquitectura

data Setembro 2020 escala 1:2000



[87]

O Barracão

Esta edificação é recente, por meados dos anos 80, e procura imitar a fachada do Ovil, assumindo também um aspeto longitudinal com cobertura de duas águas.

As pequenas aberturas das janelas e os portões são simétricos e tentam acompanhar o ritmo dos vãos. Com entradas em todas as fachadas.

A maioria do espaço era usado para atividades agrícolas e para guardar as ferramentas de trabalho e das colheitas.






Figura 32 Vista do Barracão (Fonte: própria autoria)

A proposta de reconversão deste edificado, apresenta-se agora como um edifício para trabalhos agrícolas e florestais e procura manter a sua função original, para que a aldeia possa continuar a servir-se de um espaço para armazenar as colheitas e as alfaias e dar continuidade ao seu principal ofício: a agricultura.

Assim mantém também ligação ao “Mercado dos Agricultores”, de forma a poder comercializar os produtos produzidos. Tem em redor também a praça do “Coração de Valverdinho” e um espaço de hortas comunitárias.



-  Ruínas
-  Edificado existente
-  C73 Tulha (Adega)

desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente local
Valverdinho, Sabugal

especialidade

Arquitectura

data Setembro 2020
escala 1:2000



[73]

A adega ou Tulha

A “**Tulha**”, assim apelidada pelos habitantes, é uma das construções mais antigas.

Nesta adega debulhavam-se os grãos e no seu interior havia variados poços para guardar os diferentes cereais, usados tanto para consumo como para venda.

De construção em pedra granítica, este celeiro também fazia de lagar (de azeite) e de adega, para o vinho.

Uma particularidade deste edifício são os pequenos espaçamentos entre as pedras da parede que permite uma ventilação natural no interior dele. A construção original deveria ocupar metade do tamanho atual e devido a necessidade, foi alargado. É possível através da parede em pedra seca visualizar os cunhais de cantaria originais e o alargamento a que foi sujeito, tanto em comprimento como em altura.

A cobertura é feita em telha de canudo e com estrutura interior em madeira.




Orientado para sul e localizado estrategicamente ao lado da casa do feitor, integrado no centro da aldeia, entre o feitor, as habitações e a igreja.



Figura 33 Vista frontal da Adega ou “Tulha” (Fonte: própria autoria)

A proposta de reconversão deste edifício, continua a sua função de adega, mas desta vez com estruturas modernas que permitem a produção de vinho (vinicultura) e um espaço para degustação e para comercialização. Propõem-se a criação de um espaço para vinhas para produção própria e devido à sua localização conecta-se com o Centro de Interpretação (antiga casa do feitor) e com a praça do comércio, no coração da aldeia.



-  Ruínas
-  Edificado existente
-  C32 Minas de Água (estábulo)

desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente local
Valverdinho, Sabugal

especialidade

Arquitectura

data Setembro 2020
escala 1:2000



[32]

Estábulo ou Celeiro com Mina de Água

Integrado no centro da aldeia, o interesse particular deste edifício é a mina de água que se encontrava no interior e que permitia o acesso a água potável na aldeia de Valverdinho. Controlada pelo feitor, esta água era prioritária para servir as suas próprias casas, a da família senhorial e até os seus animais. Só depois, e de forma a incentivar ao trabalho, os seus trabalhadores tinham acesso a ela.




A sua planta é simples, em pedra, de piso térreo, sem vãos, apenas acessível por dois portões.



Figura 34 Celeiro com a Mina de Água (Fonte: própria autoria)

A proposta de reconversão deste edificado apresenta-se como uma zona para comércio e serviços, que conecta com outros edifícios com a mesma função, numa área mais central da aldeia, a praça do comércio. Este edifício conecta com o Centro de Interpretação, com o alojamento local e com os espaços verdes da praça.



-  Ruínas
-  Edificado existente
-  C24 Escola

desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente local
Valverdinho, Sabugal

especialidade

Arquitectura

data Setembro 2020 escala 1:2000



[24]

Escola

A escola primária só foi construída em 1910. Não há registo de ter havido outra escola anteriormente.

A construção foi realizada pelos próprios habitantes, num modelo ao estilo da época, durante a 1ª república, em harmonia com as características da arquitetura regional, com o uso do granito. Ao contrário da tendência da época, em que a escola era separada por rapazes e raparigas, a classe era mista e apenas constituída por uma sala de aula.




A escola localiza-se em frente à igreja. O pé direito elevado do edifício, constituído por uma divisão, e os grandes vãos nas fachadas laterais diferenciam-no das restantes habitações. Três grandes janelas de uma fachada e outras duas grandes na outra, simétricas, iluminam e ventilam naturalmente a sala de aula. Integra apenas um único acesso.



Figura 35 Vista da Escola (Fonte: própria autoria)

A proposta de reconversão deste edificado, que no passado era a escola, apresenta-se como um espaço de comércio e serviços, nomeadamente uma pequena cafetaria / bar, que serve de apoio aos visitantes que chegam à aldeia. Conecta-se com a Igreja e com a via automóvel.



-  Ruínas
-  Edificado existente
-  C23 Capela / Igreja

desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente local
Valverdinho, Sabugal

especialidade

Arquitectura

data escala
Setembro 2020 1:2000



[23]

Igreja de Espírito Santo

A igreja invoca a 3ª pessoa da Santíssima Trindade, culto com tradições também nas paróquias mais próximas (Casteleiro e Baraçal).

Situada em frente à pequena escola e num lugar sobranceiro em relação às habitações, localiza-se num lugar de destaque na aldeia.

Orientada a este, com um pequeno cemitério envolto, delimitado com um muro em pedra seca que acompanha a traça das restantes construções.

O edifício apresenta uma planta longitudinal, composta por uma nave retangular e a capela-mor (presbítero). Na lateral, uma pequena sacristia serve o altar.

Originalmente o edifício seria em pedra de cantaria tal como é tradicional e com paredes caiadas.






Figura 36 Vista de frente da Igreja de Espírito Santo (Fonte: própria autoria)

A proposta de reconversão deste edificado continua a tomar a sua função de lugar de culto, sendo somente necessária a sua reabilitação.

A Igreja é um marco na aldeia de Valverdinho não só pela sua própria diferença tipológica, mas também pela memória dos seus habitantes e pelo passado religioso que ela representa, sendo por isso um lugar a preservar e manter.



-  Ruínas
-  Edificado existente
-  C49 Casa do Feitor

desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente local
Valverdinho, Sabugal

especialidade

Arquitectura

data Setembro 2020
escala 1:2000



[49]

Casa do Feitor

Aqui habitavam os feitores e as suas famílias e que mais se aproxima da habitação característica e popular desta região beirão.

A habitação possui 4 compartimentos, duas alcovas, a sala e a cozinha.

Cada compartimento tem uma janela e nota-se alguma preocupação estética tanto na forma como a janela se posiciona na fachada, como pelo arranjo da fachada e o interior.




As suas grandes dimensões vêm também demonstrar a posição hierárquica destes trabalhadores em relação aos outros.



Figura 37 Vista frontal da Casa do Feitor (Fonte: própria autoria)

A proposta de reconversão deste edificado, que no passado era o “Casa do Feitor” apresenta-se na proposta de reconversão como o “Centro de Interpretação da Aldeia”. Este, é um espaço que se propõe ser destinado para a cultura, com auditório e espaços para exposições, contribuindo assim a aldeia com uma estrutura que permita realizar eventos culturais e promover o turismo. Perto da “praça do comércio”, dos espaços de comércio e serviços, do alojamento local e da “Casa do Forno”.



-  Ruínas
-  Edificado existente
-  C53 Casa do Forno

desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente	local
	Valverdinho, Sabugal
especialidade	
Arquitectura	
data	escala
Setembro 2020	1:2000



[53]

Casa do Forno

A edificação pertence à casa do forno comunitário, ainda hoje ativa.

Esta habitação, integra-se numa das zonas mais antigas da aldeia.

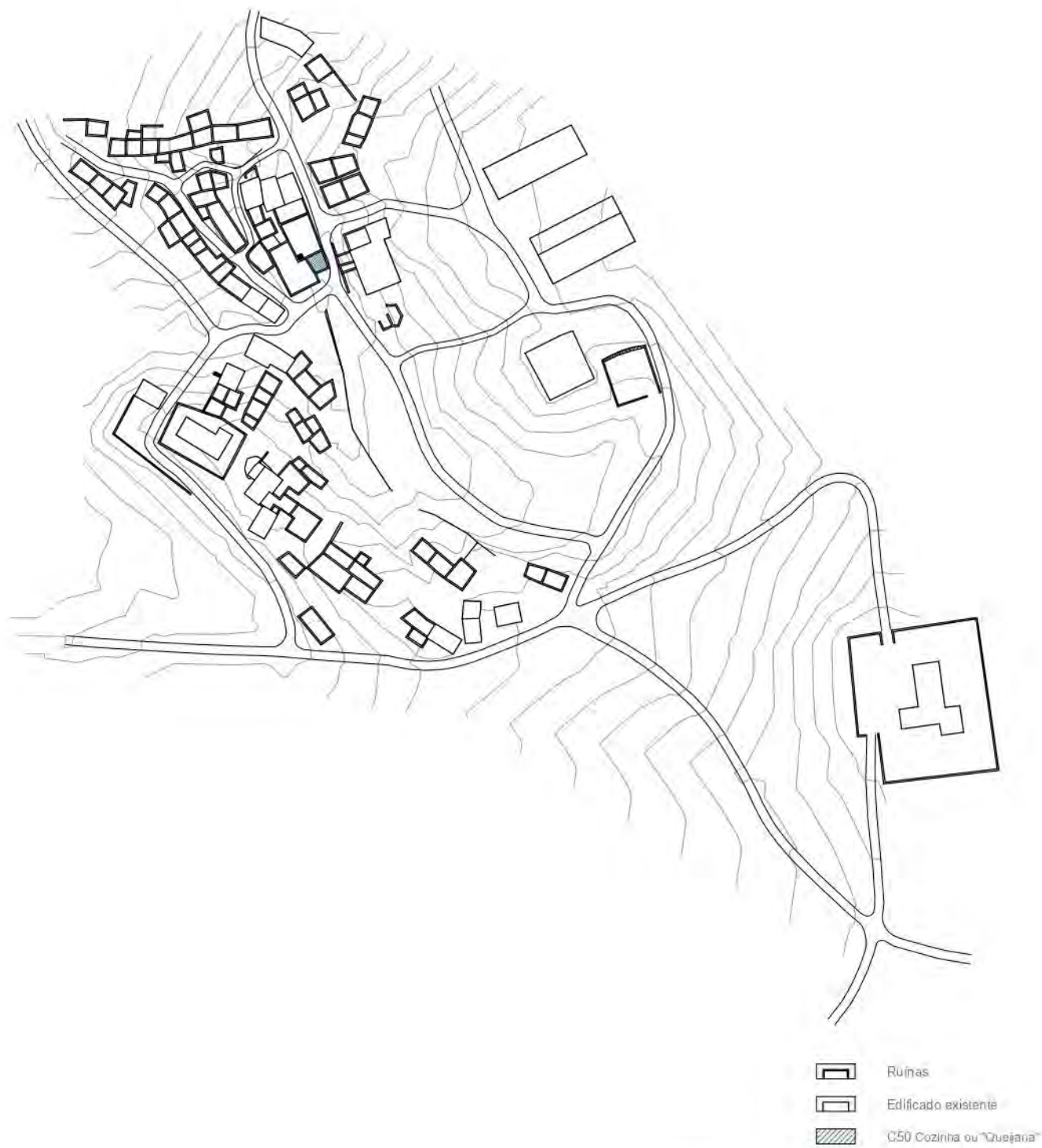
Embora o seu estado de conservação não seja o melhor, ainda hoje é utilizado por alguns trabalhadores em raras ocasiões.



Figura 38 Aspeto exterior da casa do Forno (Fonte: própria autoria)

A proposta de reconversão deste edificado, apresenta-se **ainda como “Casa do Forno”**, mas como espaço de comércio e serviços, permitindo assim o fabrico próprio de artigos de padaria, servir o alojamento local, as habitações e ainda promover a realização de oficinas e workshops.

Localiza-se entre o Centro de Interpretação e o alojamento local.



desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente local
Valverdinho, Sabugal

especialidade

Arquitectura

data Setembro 2020
escala 1:2000



[50]

A Cozinha ou Queijaria

A queijaria era uma das construções de maior importância. Dividida em dois espaços: a cozinha, onde se guardava o leite fermentado e de onde era feito o queijo.

Localizada ao lado da Casa do Feitor (49) este edifício de quatro águas, de pequenas dimensões é bastante discreto na sua envolvente.



Figura 39 A cozinha ou "Queijaria"

A proposta de reconversão deste edificado, **a cozinha ou “queijaria” apresenta-se** como uma loja que serve o Centro de Interpretação (49). Situa-se entre a do comércio, do alojamento local e das habitações.



-  Ruínas
-  Edificado existente
-  C89 Casa Senhorial

desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente local

Valverdinho, Sabugal

especialidade

Arquitectura

data

escala

Setembro 2020

1:2000



[89]

Casa Senhorial

Esta casa, para além do seu lugar de implantação, a sua arquitetura não vernacular, demonstra bem a posição social mais elevada dos seus proprietários.

A fachada principal da casa é virada para os campos de cultivo e a lateral, com uma galeria aberta, orientada para a aldeia. As outras fachadas, ladeadas de sobreiros, tornam o espaço exterior mais privado.

Com dois pisos, é a casa com maior dimensão, de forma a também marcar a sua posição de destaque e de apreciação.






Figura 40 Vista da Casa Senhorial (Fonte: própria autoria)

A proposta de reconversão deste edificado, apresenta-se como um albergue e restaurante. Fazendo uso da sua posição mais elevada e como se destaca na paisagem, a intervenção neste edifício passou por criar-se alojamento local, com a criação de um pequeno albergue de cinco quartos (2 suítes) e a criação de estruturas de apoio como uma piscina exterior, ginásio, um pequeno restaurante e estacionamento subterrâneo, de forma a manter o aspeto original do edifício e preservar a sua configuração original.

[1-7] [9-31] [33-48] [50] [54-64] [67] [69] [71] [72] [75-83] [85]



-  Ruínas
-  Edificado existente
-  Habitações

desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente local

Valverdinho, Sabugal

especialidade

Arquitectura

data

Setembro 2020

escala

1:2000



[1-7] [9-31] [33-48] [50] [54-64] [67] [69] [71] [72] [75-83]
[85]

Habitações

Com andar térreo, paredes de pedra de granito e com uma ou duas dependências. A caiação interior das casas das casas era habitual e um simples banco de pedra substituía a varanda no exterior. A cobertura interior era em madeira e o pavimento em pedra.

Na maioria dos casos, sempre acompanhado de currais, adjacentes à casa.

Em algumas versões mais modernas podemos já visualizar uma casa com quatro compartimentos: cozinha, sala e quartos.

As lareiras têm chaminé e também se posicionam num dos cantos da divisão.

A porta de entrada para o interior é muitas vezes acompanhada por uma pedra de soleira mais alta ou com dois ou três degraus, para prevenir a casa de uma possível infiltração de água.

Predominam os telhados de duas águas e de telha.



Figura 41 Vista da habitação (20) (Fonte: própria autoria)



Figura 42 Vista de Habitação (33) (Fonte: própria autoria)

A proposta de reconversão da aldeia com estes edificados apresentam-se como alojamento local, comércio de serviços e habitação unifamiliar.




Sobre o alojamento local, as habitações [36 a 48] e de [59 a 72], incluindo os currais adjacentes, vão ser aproveitados e nas suas ruínas, colocados módulos pré-fabricados com espaços destinados a quartos e l.s.

Os espaços de serviços aproveitados vão ser [31, 30 e 29] como espaços de comércio e o [18] como Posto médico.

As restantes habitações e currais serviram como habitação unifamiliar com tipologias T1, T2, T3 e T4.

[8] [12] [51] [52] [61] [65] [70] [66] [74] [84]



-  Ruínas
-  Edificado existente
-  Currais

desenho

Planta de Implantação - existente

Valverdinho, Sabugal

requerente local

Valverdinho, Sabugal

especialidade

Arquitectura

data

Setembro 2020

escala

1:2000



[8] [12] [51] [52] [61] [65] [70] [66] [74] [84]

Currais

Com uma altimetria mais baixa que a casa, o suficiente para os animais caberem e de forma a ficarem mais aconchegados no frio do inverno.

O mais interessante destas construções é a forma rudimentar e até primitiva como a as construía: de estrutura tosca, por vezes com as paredes sem cantarias e de forma arredondada, lembrando a sua herança cultural mais primitiva.

A cobertura era geralmente de uma só água, seguindo a inclinação da habitação e com um só vão, para a entrada dos animais.

Tal como referido anteriormente, os currais serviram tanto para servirem de alojamento local, espaços comerciais ou de serviço e habitações unifamiliar.

[]

Fontes

A maior parte das fontes existiram nos campos perto da atual barragem, justamente na zona em que se pensa ter havido as primeiras casas e onde existia também uma fonte muito antiga, a Fonte do Carvalho.

Por estar muito distante das habitações acabou por ser abandonada e hoje extinta.

Até ao início do século XX, havia a fonte do *Almo* que fornecia água potável.

Em 1910 construiu-se uma nova fonte, a Fonte Nova, também em pedra, ficava mais perto das habitações e facilitava o transporte de água.

Outra fonte foi escavada em 1920, mas era imprópria para consumo e outra mais pequena, a fontinha, de água não potável, servia para regar e trabalhos domésticos.

Hoje não há nenhuma evidência da sua localização.

Capítulo 4 | Parte Prática

A presente memória descritiva e justificativa, diz respeito à proposta de reconversão de edifícios com valor patrimonial, cultural e ambiental da aldeia de Valverdinho, em turismo no espaço rural, habitação e serviços, localizado no lugar da Quinta de Valverdinho, freguesia de Casteleiro, município de Sabugal.

Inserção urbana e paisagística da edificação

A proposta pretende respeitar as características da região onde vai ser implantado, com integração paisagística e a valorização dos elementos naturais e da herança cultural e arquitetónica.

A área total do terreno da aldeia é de 3,2ha com uma cêrcea máxima de 7m. A proposta de intervenção que é apresentada segue como ideia geradora do projeto, o desenvolvimento do turismo de natureza e rural, fazendo uso dos recursos disponíveis.

Enquadramento da pretensão nos planos municipais e especiais de ordenamento do território vigentes

O lugar de Valverdinho encontra-se afeto no âmbito do Plano Diretor Municipal (PDM) de Sabugal identificado como U4 pelas Unidades Operativas de Planeamento e gestão (UOPG) como um conjunto de interesse à salvaguarda do património e investimento turístico, decorrente nos estudos elaborados na fase dos estudos de caracterização.²⁶

Segundo o Plano Diretor Municipal do concelho de Sabugal, e sobre o património construído e natural, pretende-se²⁷:

- Valorizar e preservar os recursos naturais como (água, solo, floresta e ecossistemas) na criação de produtos e serviços com potencial de mercado;
- Melhoramento das redes de saneamento e transportes;
- Apoiar o empreendedorismo de base local, com a instalação de atividades criativas e sustentáveis que levem à criação de produtos e serviços inovadores;
- Apoiar a fixação de população jovem e em idade adulta, através da criação de emprego, e na ótica de promoção do território;
- Capacitar conjuntos arquitetónicos de valor histórico, integrado na paisagem a empreendimentos turísticos, promovendo a sua salvaguarda; ²⁸

²⁶ PDM Sabugal p. 246 e 247

²⁷ PDM Sabugal p 43

²⁸ Op cit p229

Reconversão da Aldeia de Valverdinho

A proposta para a reabilitação de Valverdinho que se apresenta em seguida tem como base de estudo aprofundado e fundamentado na sua história, sempre numa visão de regeneração do presente.

A proposta privilegia o rural e as ruas orgânicas são mantidas como no passado, o eram e que no presente se mantêm, como se de corpos vivos se tratassem.

A arquitetura de Valverdinho pela sua escala pequena revela uma relação de proximidade com a escala humana mais notável. Dessa forma, foram preservadas vias existentes atribuindo-lhes usos distintos.

Foram consideradas vias pedonais, vias automóvel, ciclovias, parques infantis, praças, zonas de comércio e serviços, espaços habitacionais para moradores ou para turismo, zonas culturais e zonas de lazer.

Foi mantida uma zona de cultivo e vinha, à semelhança do que se verificava pelo território anteriormente.

A organização das ruas confere um carácter único e vital atribuindo a identidade a Valverdinho. Todas as intervenções foram meticulosamente estudadas para não descaracterizar a essência do lugar.

O mobiliário urbano materializa-se em betão para se homegear na paisagem e no pavimento. Como se de rochas se tratassem.

Os estacionamentos são criteriosamente distribuídos em banda nas ruas, nas zonas mais periféricas para que o coração da aldeia seja consideravelmente pedonal e para que as experiências sejam o mais relacionáveis com o lugar e escala única de Valverdinho.

Os edifícios centrais e de serviços e comércio são servidos para estacionamento ao longo da via.

A relação de cheios e os vazios são articulados de forma orgânica criando uma imagem urbana singular, numa tensão entre formas cheias e vazias em conjunto das vias, transmitindo a imagem de artérias como que de um coração se tratasse. É desta forma que se passa a proposta a denominar, em que Valverdinho se apresenta, como uma reabilitação rural de um local com alma.

A malha urbana criada pelas relações das formas construídas contrapondo as não construídas, revela uma orgânica sinuosa que se mantêm atribuindo identidade ao local.

Em termos de ocupação, o coração de Valverdinho procura ser um discurso baseado no turismo, no lazer, apelando ao descanso, com espaços culturais que prevêm a criação de workshops ligados às antigas actividades existentes como a: pastorícia; apicultura; vinha etc; e nos edifícios: casa do feitor, casa senhorial etc., bem como se apresentam desenhos da igreja para a recuperação deste património.

Vazios urbanos em Valverdinho

Vias | Espaços verdes | Espaços públicos | Praças

Acessos rodoviários

Os acessos à propriedade são difíceis e por isso pretende-se que o caminho principal que liga a estrada N18-3 à aldeia e à barragem, seja pavimentado com saibro estabilizado, uma alternativa ecológica e resistente, quando comparado aos tradicionais pavimentos, e que permite prevenir estragos sob as intempéries.

Estacionamento

Os estacionamentos são pavimentados em pavê de junta aberta, cerca de sessenta lugares, distribuídos paralelamente às vias, com estacionamentos acessíveis para mobilidade condicionada.

Percursos pedonais e passeios

As ruas assumem formas orgânicas e para não descaracterizar esse percurso desenhado naturalmente, sugere-se a conservação dessas formas, pavimentando o percurso em saibro estabilizado e a pavimentação dos passeios em pavê de junta aberta, de forma a criar condições de circulação, até mesmo para mobilidade reduzida.

O pavimento dos percursos pedonais para as unidades habitacionais unifamiliares fazem-se a partir de lajetas de betão, criando percursos livres e mais naturais e de forma a manter o máximo de espaço verde possível e a minimizar a intervenção urbana.

Ciclovias

Fazendo uso dos 3.10km de percurso desde a estrada N18-3 até à aldeia (1.88km), e da aldeia à barragem (1.22km), sugere-se a criação de uma ciclovias que acompanha o caminho automóvel até à aldeia, aproximando o contacto com a natureza, incentivar a passagem pelo coração da aldeia e promovendo também o uso de meios de transporte mais ecológicos.

A praça e os espaços verdes

As praças (Praça do Comércio e Praça do Coração de Valverinho) servem de continuação e de transição entre o espaço urbano já construído e o espaço verde já existente, disponibilizando condições para um melhor aproveitamento do espaço e conectando os elementos urbanos que se propõem.

Criaram-se percursos que conectam o centro da aldeia com a ciclovia, a zona comercial com o centro interpretativo, o parque infantil e o parque de merendas, com mobiliário urbano que permite a sua fruição. Da ruína, requalifica-se a estrutura para a criação de casas de banho públicas que servem tanto o parque como a ciclovia.

O parque infantil, com uma estrutura pavimentada com relevos e inclinações adaptadas para crianças, serve tanto a praça, os espaços verdes e o parque de merendas.

O parque de merendas, situado numa zona mais elevada do restante espaço público, junto da zona de mercado e de serviços, tem como objetivo servir tanto os que vivenciam a aldeia

Para aproveitamento da eira e tanque existente, criaram-se espelhos de água.

Tendo em consideração a harmonia com o estado natural, a intervenção mínima necessária foi intencional, usando o pavimento em ripado de madeira deck.

Estrategicamente colocado num extremo da aldeia, o mobiliário urbano que apoia a sua função como mesas, bancos, caixotes do lixo, grelhadores, bebedouro e instalações sanitárias.

Do mobiliário urbano, os bancos seguem as formas orgânicas do percurso pedonal, em betão, de forma a integrar-se na aldeia granítica.

Também, para preservar as memórias do passado, sugere-se a instalação de um monumento que significa as cinco atividades de sustento dos seus habitantes: a agricultura, a pastorícia, a criação de gado, a vindima e o azeite. Os pilares que fizeram desta aldeia autossustentável durante muitos séculos.

Construídos urbanos em Valverdinho

Habitações | Alojamento | Espaços de Comércio e Serviços | Espaços culturais

Habitações unifamiliares

As casas em melhor estado, seriam reabilitadas para habitação unifamiliar, a fim de servir os novos habitantes da aldeia, mantendo as características originais da sua forma.

A solução apresentada procura a melhor integração no espaço envolvente e por isso os materiais a ser aplicados, quer na construção, quer nos arranjos exteriores, seriam em conformidade com a traça e os materiais dos edifícios existentes.

As paredes mantidas, apenas será acrescentado isolamento térmico com respetiva caixa de ar e revestimento interior.

As paredes interiores acrescentadas seriam simples, de tijolo cerâmico com 11 cm de espessura.

O revestimento interior tanto das paredes de pedra como as paredes interiores de tijolo podem ser em gesso cartonado ou em madeira. As paredes interiores de cor branca serão mantidas.

O propõe-se o pavimento dos espaços húmidos em tijoleira de cerâmica e as restantes zonas em madeira de carvalho.

As novas lajes em betão e as já existentes, em madeira.

Toda a estrutura de vigas e barrotes (em madeira) é mantida à vista.

A cobertura devidamente isolada para evitar infiltrações, assim como as portas e janelas, que serão substituídas por novos elementos.

As caixilharias exteriores serão em alumínio de corte térmico, termolacado na cor vermelha. Os vidros das janelas e das portas serão duplos, transparentes.

Todas as portas e soleiras assentarão em soleira de granito típico da região.

As fachadas de pedra serão limpas de modo a retirar a sujidade e musgos e o telhado substituído por telha de canudo.

Por uma questão de criar condições de salubridade e de espaço mínimo habitável, converteram-se as habitações em apenas 24 habitações, juntando algumas delas para famílias mais numerosas. Sugere-se a criação de cinco T4, seis T3, seis T2 e sete T1, alguns possíveis habitações para arrendamento temporário.

Albergue

A casa senhorial, pela sua localização de destaque e dimensão, proporciona o espaço ideal para a criação de uma unidade hoteleira, com restaurante e estruturas de apoio como piscina, ginásio, campo de ténis e estacionamento.

O albergue teria cinco quartos, dois deles suítes.

O estacionamento (16 lugares) seria subterrâneo de forma a manter a sua aparência exterior e a minimizar a nova intervenção, sem transformações físicas, quer nas fachadas, quer nas volumetrias, sugerindo apenas a limpeza das paredes e das coberturas.

As portas, janelas e sacadas devem ser substituídas, mantendo a sua configuração original.

Alojamento rural

De forma a manter as ruínas das casas mais antigas, e pelas suas pequenas dimensões entre 30m² a 60m², propõem-se módulos pré-fabricados em aço leve galvanizado, isolamento térmico e acústico contínuo em aglomerado de cortiça e revestimento exterior em madeira compósita. Com dimensões que variam 4mx6m ou 4.5mx4.5m que serviriam de quartos, colocados dentro das ruínas, com instalações sanitárias.

Estes quartos agrupam-se em módulos de um, dois ou três quartos para albergar mais pessoas, consoante a necessidade.

Este alojamento é servido por uma recepção, uma zona de refeições, zona de estar e lavandaria.

A ideia serve também para que haja comunicação entre o albergue, com mais serviços de apoio e o alojamento local, mais económico, partilhem o restaurante, a piscina, o ginásio e o campo de ténis.

Espaços de comércio, serviços

A criação de infraestruturas públicas ou de serviços, permitem servir não só a aldeia, como as localidades mais próximas e por isso atrair e fixar mais pessoas, criando mais emprego.

Requalificando os espaços, propõe-se:

- a criação de um mercado no celeiro/ovil;
- um restaurante de produtos regionais na casa senhorial;
- uma adega para venda e espaço de degustação de vinhos na Tulha;
- um centro de interpretação para Valverdinho, na casa do feitor, com um pequeno anfiteatro e uma loja de artesanato local.
- uma zona de fabrico de pão e outros produtos de pastelaria, na casa do forno, anexando uma esplanada que serve também o centro de interpretação;
- Um espaço polivalente no celeiro com a antiga mina de água;

- a criação de oficinas nas duas habitações anexas a este celeiro, permitindo a realização de workshops e a promoção de artesanato local;
- um espaço de armazenamento de maquinaria agrícola no celeiro mais recente, para a continuação da exploração agrícola na propriedade;
- a criação de um novo espaço para um centro de investigação florestal, como forma de investigação e proteção da fauna e flora.
- um bar/ cafetaria na antiga escola primária e o seu recreio numa zona de esplanada e de miradouro, permitindo uma vista panorâmica da paisagem beirã.
- recuperada e como espaço para exposições, a capela é preservada, bem como o seu cemitério envolto.

Posto de Turismo

A solução apresentada serve como referência as recomendações de isolamento e tratamento das paredes e pavimento da alínea anterior alterando-se apenas o tratamento dos vãos.

As paredes em ruína serão mantidas e uma peça envidraçada dupla, transparente, concluirá a volumetria da parede.

As portas em alumínio de corte térmico termolacado de cor cinza escuro.

A cobertura será feita em módulos de painel sandwich cinza escuro.

As fachadas de pedra serão limpas de modo a retirar a sujidade e musgos e o telhado substituído por telha de canudo.

- um posto de turismo, localizado junto ao acesso principal e ecopista, permite uma introdução no lugar, conduzindo e apresentando aos utilizadores, as atividades e a localização dos sítios de interesse.

Mercado e Adega

A solução apresentada serve como referência as recomendações de isolamento e tratamento das paredes, vãos e cobertura da alínea anterior.

Propõe-se o pavimento dos espaços húmidos em tijoleira de cerâmica e as restantes zonas em cimento com revestimento de betão aparente.

As novas lajes em betão e as já existentes, em madeira.

Celeiro Agrícola

Sobre as paredes exteriores, não haverá grandes alterações excluindo a limpeza das mesmas e a reparação do telhado com nova telha de canudo.

Os portões devem ser substituídos com peças de aço corten e as janelas com caixilharias de alumínio termolacado com cor de imitação de madeira e vidro transparente.

As paredes interiores acrescentadas serão simples, de tijolo cerâmico com 11 cm de espessura e com uma altura máxima de 2 metros, de forma a garantir um espaço único aberto mas compartimentado para armazenamento.

Toda a estrutura da cobertura com vigas e barrotes (em madeira) é mantida à vista, devidamente isolada e o telhado substituído por telha de canudo.

O pavimento deve ser em cimento com revestimento de betão aparente.

O espaço exterior envolvente é proposto em saibro estabilizado.

Posto Médico

Sugere-se a criação de um serviço médico que assegure condições de saúde pública à aldeia, um pequeno espaço apto para recolha de análises, consultas pouco urgentes, de enfermagem e de primeiros socorros.

Comércio

Propõe-se a reconversão de edifícios para a criação de espaços comerciais / lojas, e que sirvam tanto a praça do comércio, como a aldeia, de forma a gerar economia local e a promover os produtos locais e o lugar.

Instalações sanitárias públicas

De maneira a servir tanto a ciclovia como os diversos espaços verdes e praças criadas, sugere-se também o aproveitamento de uma ruína descaracterizada para a criação de instalações sanitárias públicas.

Estas instalações sanitárias servem e cumprem os requisitos mínimos para as normas de mobilidade condicionada e de ventilação natural.

Centro de Interpretação

A proposta preserva as fachadas principais do edifício existente e a sua volumetria original, com a cobertura de duas águas.

As paredes adicionadas são em cimento e revestidas com betão aparente, bem como a sua cobertura, apresentando uma configuração mais moderna e harmoniosa com o espaço integrante.

As paredes interiores são em tijolo de 11cm, revestidos também com betão aparente.

A laje é feita em betão e o pavimento em cerâmica imitação de pedra.

Os vidros dos vãos são duplos e transparentes e as caixilharias das janelas e das portas são em alumínio em corte térmico, termolacado com cor imitação de madeira.

As fachadas de pedra serão limpas de modo a retirar a sujidade e musgos.

Igreja

A capela de Espírito Santo será restaurada, procurando manter as fachadas originais e as paredes interiores.

Intervindo no sentido de recuperar o estado original, propõe-se a restauração da cobertura interior com forro de madeira escura de carvalho, bem como um revestimento para a viga mestra em madeira.

O pavimento em pedra deve ser mantido e reparado e as pinturas das paredes interiores também, a branco com rodapé azul.

As portas devem ser substituídas, mantendo a forma original mas em alumínio em corte térmico, termolacado com cor imitação de madeira. A pequena janela deve ser colocada com caixilharia em alumínio em corte térmico, termolacado com cor imitação de madeira e vidro transparente.

O telhado deve ser mantido mas reparada.

O altar deve ser substituído e replicado.

Para servir o espaço para exposições, um módulo em madeira de carvalho configura uma peça para exposições e um banco de descanso.

O portão de entrada deve ser substituído e modernizado, o corredor de entrada reparado e conservado e deve ser feita um passadiço em aço corten perfurado contornando a capela, unindo os dois acessos existentes.

A Barragem

É proposto numa futura intervenção a ideia de fazer uso da lagoa da barragem como atrativo durante a época balnear, com a criação de uma praia fluvial e com infraestruturas que a suportem, como a criação de instalações sanitárias, zonas de lazer e zona de merendas, bem como a colocação de caixotes para o lixo e bancos de descanso.

Sugere-se também, proporcionar atividades desportivas como a canoagem e a pesca.

Seguidamente, apresenta-se as peças desenhadas que fundamentam a proposta que se crê ser respeitadora de todos os princípios reguladores, quer de arquitetura vernacular, quer de Valverdinho.

Evitando a excessiva intervenção na paisagem, optou-se por preservar sempre a memória do lugar.

As opções técnicas são resultado desta observação deste território único, numa aproximação à identidade do lugar em detrimento de qualquer luxo ou exagero do projeto aproveitado.

Entende-se que na reabilitação de um espaço destes quer mais a vontade do lugar do que a vontade de qualquer projetista.

A proposta de reconversão da aldeia de Valverdinho apresenta um estudo mais pormenorizado à escala 1:200, trabalhando os espaços da Praça do Coração de Valverdinho, a Igreja e o Albergue. Por se considerar que estes são os três espaços fundamentais e essenciais numa primeira fase de regeneração.

Consideram-se os restantes igualmente importantes, mas que estes seriam os primeiros três espaços a reconverter.

Apresenta-se de seguida todas as peças desenhadas que assentam numa proposta com pouca intervenção na toponímia e com reflexão sobre a história e património edificado, mantendo a memória do lugar.

Capítulo 5 | Conclusão

Este trabalho teve como ponto principal criar uma proposta de reconversão de edifícios e da aldeia de Valverdinho, na adaptação às necessidades dos dias de hoje, procurando dar resposta ao abandono e tendo em atenção as características das estruturas existentes, do meio envolvente e da região.

Sendo este conjunto edificado de carácter vernacular, foi importante definir e entender os conceitos deste tipo de arquitetura, tanto num contexto mais geral, como regional.

E sendo um conjunto tão complexo de vários tempos históricos, foi importante analisar a morfologia e a tipologia do aglomerado urbano e de cada edificação, de forma a compreender o seu valor como património.

Entendendo os fatores que influenciaram o processo construtivo desta arquitetura como o meio envolvente, as questões culturais, sociais e até os contextos históricos, permitiram gerar essa análise, respondendo à problemática da proposta de planeamento.

Assim, esta proposta pretende a partir do turismo de natureza, rural e da autosustentabilidade, criar dinâmicas e oportunidades de criar empreendimento, emprego e finalmente, capital humano, de forma a reabitar o espaço.

Fazendo uso das suas potencialidades não só da aldeia mas também da propriedade e dos seus recursos (natureza, ribeiras e barragem), é possível criar um espaço interessante e atrativo.

Apesar do tema de turismo rural ser conceito cada vez mais usado e por vezes até vulgarizado, é necessário a sua concretização e reinvenção, para que se criem oportunidades e experiências diferentes e que aproximem as pessoas de lugares como este e que de outra forma, não o fariam.

A solução dos percursos pedonais, da ciclovia, dos espaços verdes e do alojamento local procura integrar o visitante na rotina da aldeia, fazendo também parte dela, querendo como objetivo que o visitante participe nas atividades e que viva o espaço construído e não construído, sendo a arquitetura vernacular, uma arquitetura intimista, que se quer vivida e experienciada, este conceito por si mesmo já resolve os problemas da sua inatividade.

A proposta, mais do que promover os produtos regionais, o artesanato e experiências, permite que as populações locais possam participar ativamente neste tipo de iniciativa, desafiando a tendência nacional na falta de investimento nesta região.

Hoje, diversos programas de apoio ao turismo rural como o Portugal 2020, o PDR (programa de desenvolvimento rural), RURIS (programa de repovoamento) e até Sabugal+ (empresa de investimento em turismo rural e desportivo), permitem a concretização deste tipo de projetos e do seu investimento.

Por isso, que esta dissertação seja mais um contributo para a resposta dos problemas da arquitetura vernacular em Portugal e que seja mais uma ideia para novas formas de habitar.

Bibliografia

- AA. VV. (1936-60). *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXIV. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclop dia, lmd.
- AA. VV. (1980). *Arquitetura Popular em Portugal* (2ª ed., Vol. 3). Lisboa: Associação dos Arquitetos Portugueses.
- Cameira, G. (Setembro de 1992). L'évolution d'un grand domaine rural dans la Beira Alta de 1950 à aujourd'hui: A Quinta de Valverdinho, Concelho de Sabugal. Paris, França: Université de La Sorbonne Nouvelle - Paris III - U.P.R. d'Études Ibériques et Latino-américaines, Etudes Portugaises et Brésiliennes.
- Clementino, L. L. (Julho de 2013). *FERNANDO TÁVORA de O Problema da Casa Portuguesa ao Da Organização do Espaço*. Coimbra: Dissertação de Mestrado, F. C. T. Universidade de Coimbra.
- Girão, A. (1941). *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora.
- ICOMOS. (1999). Carta sobre o Património Construído Vernáculo. Cidade do México.
- Leitão, F. D. (Agosto de 2014). *Levantamento Arquitetónico para intervenção no património vernacular edificado - Casos do interior beirão*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Lengen, J. V. (2010). *Manual do Arquitecto Descalço* (1ª ed.). Lisboa: Dina-Livro.
- Lino, R. (1992). *Casas Portuguesas: Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples* (11ª ed.). Lisboa: Herdeiros de Raul Lino e Edições Coto- via.
- Mendes, F. L. (2013). *Arquitetura e Identidade . Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Montaner, J. M. (2017). *Depois do movimento moderno: Arquitetura da segunda metade do século XX*. Editorial Gustavo Gili.
- Moreira, I. (2011). *Aldeias de Xisto: Projecto Para Reabilitação da Aldeia de Cerdeira. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- Oliveira, V. (2015). *O estudo da Forma Urbana em Portugal*. (V. O. Paulo Pinho, Ed.) Editora da Universidade do Porto.
- Oliver, P. (2007). *Dwellings: The Vernacular House Worldwide*. Phaidon Press.
- Pinto, P. L. (2013). *Concelho do Sabugal - Modelo granítico, paisagem e património geomorfológico*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Rapoport, A. (1969). *House, Culture and Form*. Pearson Education (US).
- Redfield, R. (1956). *Peasant Society and Culture: An Anthropological Approach to Civilization*. University of Chicago Press .
- Rudofsky, B. (1964). *Architecture without architects - A short introduction do Non-Pedigreed Architecture*. Museum of Modern Art; distributed by Doubleday, Garden City, N.Y.;
- Sobral, L. P. (2009). *Arquitetura com algum pedigree*. Coimbra: Departamento de Arquitectura, F. C. T. Universidade de Coimbra.
- Távora, F. (1947). *O problema da casa portuguesa - Cadernos de Arquitectura n.º1*. Lisboa.
- Távora, F. (2008). *Da Organização do Espaço* (8ª ed.). Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Webgrafia

CARTA de Veneza [em linha] 1964. [Consult. 01 jun. 2018]. <URL: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf> >.

DO DECLÍNIO à Reinvenção de uma Nova Ruralidade (4) [em linha]. mai. 2011 [Consult. 20 set. 2018]. <URL: http://caosdeclinavel.blogspot.pt/2011/05/do-declinio-reinvencao-de-uma-nova_17.html>.

1 **Definição de Vernacular em “vernáculo”** in Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consulta. 2017-07-19 23:44:21]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/vernaculo> (www.Infopedia.pt, 2017)

CAPEIA ARRAIANA Disponível na Internet: <https://capeiaarraiana.pt>

ARQUIVOS DA TORRE DO TOMBO Disponível na Internet: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4242025>

RURIS Disponível na Internet: <http://www.ruris.pt/>

Anexo I

Registo fotográfico existente















